

PREÂMBULO

Aproximando-se os

15 anos

do Boletim...

Ao atingirmos o nº CLXVI, estamos nos aproximando – ou melhor adentrando – o 15º ano de ininterrupta atuação do Boletim. A perenidade ao longo deste tempo, evidencia a qualidade e credibilidade das matérias publicadas, e a vocação propositiva de se registrar e resgatar a memória cultural local-regional. Um veículo cuja produção informativa fomenta a cultura e a história regional.

Sabendo-se que o tempo flui rápida e continuamente, a cada dia surgem novos desafios, novos roteiros, exigindo de todos firmeza, seriedade, comprometimento. É o que cumprimos. A preocupação de toda a equipe com o trabalho informativo e de pesquisa, ajustado à verdade, à fidedignidade, ao interesse coletivo.

Nossos agradecimentos aos colaboradores, apoiadores, patrocinadores, leitores.

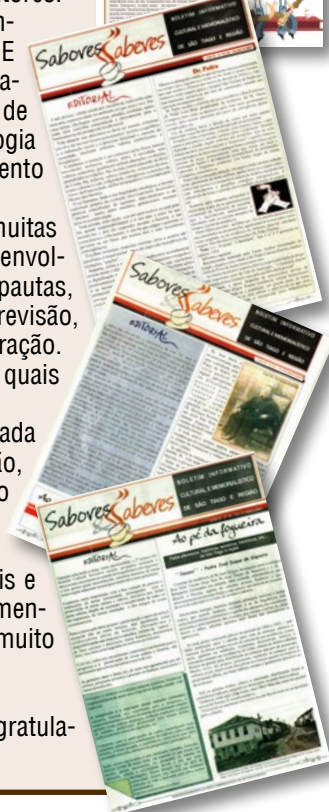
Agradecimentos especiais à empresa de comunicação MAPA DE MINAS pela diagramação, legendamento, design, construção gráfica de todo o material, envolvendo tecnologia de ponta até seu arcabouço e polimento (produção final).

Uma iniciativa que requer muitas cabeças, muitas mãos atuantes, envolvendo seleção, elaboração de pautas, produção de conteúdo, titulação, revisão, montagem, contextualização, editoração.

Ainda assim surgem falhas, às quais nos excusamos!

Do 1º ao último instante, a cada edição tudo nos exige dedicação, precisão, talento, permitindo-nos o respeito e a distinção de nossos leitores, autoridades, intelectuais, instituições culturais e educacionais e sociedade em geral. E cujos depoimentos e manifestações de apreço muito nos honram.

Nosso reconhecimento e congratulações a todos!



Julho são-tiaguense

Férias escolares, inverno, aniversário de alguém que se ama... O mês de julho pode ter diferentes significados para cada um. Mas a quem nasceu, cresceu ou passou por São Tiago nessa época o lembrete é outro: chegou a hora de celebrar o padroeiro local. O colaborador Marcus Santiago compartilha, em artigo especial, as memórias afetivas que começou a colecionar ainda menino.

Pág. 3

De envelope em envelope

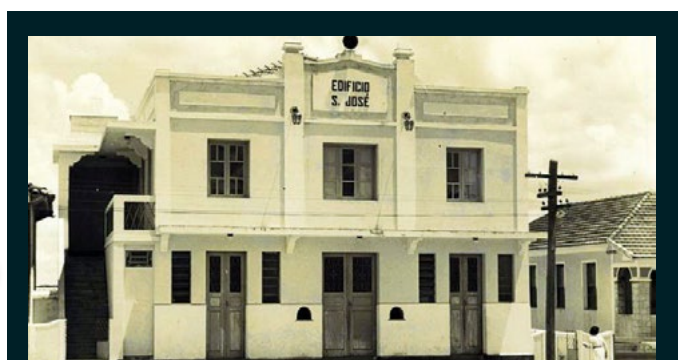
A praticidade do email e das mensagens via celular que nos perdoo... mas é preciso continuar enaltecendo o poder das boas e velhas cartas. Canais de comunicação tradicionalíssimos, elas registraram muito do que hoje conhecemos como História, marcam relatos importantes inclusive na Bíblia e explicam até a evolução do papel.

Pág. 10

Castro Alves: 150 anos de morte

“Sua popularidade só aumenta ao longo do tempo, passados século e meio de sua morte. Seus poemas influenciaram os cordelistas e a literatura popular nordestina. Vários de seus poemas como O Adeus de Teresa, Boa Noite, Adormecida, Sonhos de boêmia, Pensamento de Amor foram musicados e seu livro “Espumas Flutuantes” já obteve cerca de 130 edições”.

Pág. 12



O múltiplo e necessário Salão Paroquial

“Em tempos que só em cidades maiores ostentavam um local para apresentação de peças teatrais, musical e exibição de filmes em São Tiago já tínhamos um espaço privilegiado para esses encontros no centro da comunidade. O São Paroquial foi idealizado pelo saudoso pároco Monseñor Eloi a quem somos eternamente gratos”.

Pág. 16

ADIVINHAS

- 1- A filha é mansa, a mãe é brava, a filha é verde, a mãe é encarnada. O que é?
- 2- São irmãs, cada uma tem seu quarto, cada uma tem uma meia. Quem são?
- 3- Qual é a pergunta que você nunca pode responder com "sim"?
- 4- Eu venho de uma mina e sempre me envolvo com madeira. O que sou?

Respostas: 1 - A pimenta; 2 - As horas; 3 - Você está dormindo?; 4 - O lápis.

Provérbios e Adágios

- "Palavras amigas são doce como o mel, dão ânimo e novas forças."
(Provérbio bíblico)
- "Um pouco de perfume sempre fica nas mãos de quem oferece flores."
(Provérbio chinês)
- "Águas mansas não fazem bons marinheiros."
(Provérbio indiano)
- "Não digas: Vingar-me-ei do mal; espera pelo Senhor, e ele te livrará."
(Provérbio bíblico)

Para refletir

TRECHOS DA EPISTOLA DE S. PAULO A FILEMON

"Faço apenas um apelo à tua caridade. Venho suplicar-te em favor deste filho Onésimo. Envio-lhe a ti, como se fora o meu próprio coração. Se te causar algum prejuízo, lança isto na minha conta. Dá esta alegria ao meu coração em Cristo! Certo estou de que me atenderás e que farás ainda mais do que estou pedindo"

(Fl 8-21)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

AO PÉ DA FOGUEIRA UM INSÓLITO MAUSOLÉU

Pedreiro experiente, conceituado, fora contratado (na verdade, convocado pela madrugada) para um serviço emergencial – a edificação de um túmulo, um mausoléu. O contratante do serviço, um conhecido e peculiar cidadão local, folclórico por suas inusitadas atitudes, esclarecera que o mausoléu seria construído em sua propriedade, uma portentosa estância na periferia da cidade, o que estranhou o pedreiro.

Chegando pela manhã à propriedade, a surpresa maior. O clima ali era literalmente sepulcral. moradores em choro convulso, sóbrios, trajados de forma austera, cores negras. O motivo: a morte de Zeus, um dos muitos cães de raça da casa, destinando-se o mausoléu a acolher os seus restos mortais. O proprietário, um pitoresco marajá aposentado do serviço público, era conhecido por criar inúmeros cães de raça, muitos deles exóticos, exibidos em vistosos carros de luxo ou de passeio pelas vias públicas.

Olhos marejados, face insone, o histriônico proprietário exhibe ao pedreiro a planta do mausoléu, redigida por engenheiro, em estilo oriental hinduísta, exigindo agilidade. Material de construção entregue por caminhão de empresa fornecedora da cidade. Com a ajuda de um auxiliar, eis, ao final do dia, o túmulo pronto nos mínimos detalhes arquitetônicos, edificado no jardim interno da fazenda. Animal velado no interior da residência, acomodado em luxuoso caixão qual um faraó. Chegam mais pessoas circunspectas, além de coroas de flores, coral, músicos...

Preparavam-se pedreiro e ajudante para sair quando o dono lhes diz: - Guardem. Estão intimados a participar do funeral.

Mais – e surpreendentes – cenas viriam. O dono do cão, que tinha lá seus hábitos litúrgicos, dá a instantes, surge revestido de vestes sacerdotais, empunhando grosso volume de conteúdo religioso. Luminárias são acesas. A um sinal seu, coral e músicos entoam hinos fúnebres, enquanto o hierofante, na mais extremada emoção, recita salmos e encantações canônicas ao distinto cão morto.

Encerrado o ritual, eis o esquife conduzido por pessoas da família e sepultado com todas as honras a que tem direito um deus olímpico...

Afinal, o que não fazem o excesso de dinheiro e as excentricidades de certas pessoas...

TRABALHO EM FAVOR DA VIDA

Você sabe que em nossa cidade existe o Grupo de Auto-Ajuda Monte Tabor Santiaguense de Alcoólicos Anônimos?

Se você faz uso de bebidas alcoólicas ou de outros tipos de drogas, deseja para de usar e não consegue, Procure-nos.

Reuniões todos os Domingos a partir de 10 horas na Rua Carlos Pereira s/n, ao lado do correio.

Contato: (32)99902-7663

Só por hoje... Funciona



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



MÊS DE JULHO DA MINHA INFÂNCIA

Que tempo saudoso e especial era o mês de Julho da minha infância! Era um mês diferente dos demais, tinha cheiro de tantas coisas boas! E de sabores especiais! Mês de férias escolares e festa do padroeiro São Tiago. Somente quem é são-tiaguense nato ou de coração sabe do que estou falando.

Naquela época não existiam muitas lojas de roupas prontas, era tudo feito pelas costureiras. Comprávamos tecidos na Casa São Pedro do Sr. Chico Luiz e sapatos, quando podíamos, em São João del-Rei, às vezes até ganhávamos algum. Dona Fiinha, dona Valdete e minha mãe Romilda eram as nossas costureiras. Medidas tiradas, cortes feitos e daí a um tempo a roupa estava prontinha. De tergal, de linho, de brim... Um ou dois conjuntos de roupas para passar a Festa de Julho, a Festa de São Tiago.

Na primeira quinzena do mês, matava-se porco, guardava as carnes nas latas de 18 litros com banha; as linguiças e toucinho ficavam em um varal acima do fogão a lenha. Na semana da festa, na quarta-feira, acordávamos com o cheirinho do alecrim usado como vassoura para varrer o forno – primeiros biscoitos ali numa grande toalha sobre a mesa. As gamelas cheias de massas ainda para enrolar. Latas ao lado do forno para ir guardando os biscoitos assim que esfriassem. Frio e vento ali fora, comuns em nossa cidade, principalmente neste mês. Na cozinha a mãe a preparar o café. Tomava a bênção para crescer e ser abençoado. Do lado do fogão ficávamos a nos aquecer. O café sendo passado com pó moído em casa. O cheirinho ia longe. E tomar café com aqueles primeiros biscoitos do dia não tinha preço. Alegrava-nos muito. O estar ali pertinho do fogão aquecia até nossa alma. Final do dia um pratinho de biscoitos para cada vizinho, o mesmo eles partilhavam quando faziam biscoitos também. Nossa que saudade! Temperos, cheiros, sabores! Cada um fazendo suas delícias com os dons que Deus lhes deu.

Na quinta-feira a mãe e as irmãs caprichavam ainda mais na limpeza da casa, passava cera de pasta, lustrava o piso e os móveis, tirava os melhores cobertores e roupas de cama. Quarto esperando as visitas que, haviam confirmado presença por carta recebida no início do mês. Casa pequena, mas acolhedora!



Nos dias da novena íamos todos, havia noite dia que dávamos até um cochilo no banco da igreja. Mas no dia da festa a mãe advertia: “Dorme menino durante o dia, pois a noite é grande! Tem missa e procissão longa! Se dormir ninguém vai te carregar.” Era um desafio! Mas tentávamos.

Ir às barraquinhas no centro da cidade, como era bom! Não tínhamos quase nada e as barraquinhas eram uma forma de comprar algum brinquedo; as mães compravam coisas de casa e de uso pessoal e os pais ferramentas. Comer algodão doce, maçã do amor, cocada, cartucho de amendoim, cachorro quente e sorvete de máquina. Haja dinheiro! Coisa que quase nem tínhamos, ficávamos com vontade de muitas coisas! Mas valia estar ali vendo o movimento de barracas, barraqueiros com carros de placas de



longe, que nem sabíamos onde ficavam no mapa. Pessoas comprando, crianças se divertindo, encontros com pessoas amigas, conhecidas e outros que moravam fora visitando a cidade.

À noite do dia 25 de julho, dia do padroeiro, missa festiva com todo entusiasmo do nosso querido e saudoso Monsenhor Eloi, procissão longa com o andor do Senhor São Tiago. Velas iluminando todo o trajeto ao som da Lira Imaculada Conceição e, intermediando as músicas, as orações do terço e cânticos litúrgicos. Na chegada da procissão fogos enfeitando o céu e vibrante “Viva São Tiago”! Que ainda ecoa até hoje no meu coração!

Rezava para a Festa chegar e o mês não acabar! Mas ainda dava para muito brincar, dormir, passear e ouvir muitas histórias!

Marcus Santiago
IHGST/ALSJD



Presbítero LOURENÇO DA COSTA AFONSO (1741-1766)

FAMÍLIA 'COSTA AFONSO' - A família "Costa Afonso", originária da Ilha de São Miguel, arquipélago dos Açores, teve dois de seus membros que migraram para o Brasil na primeira metade do século XVIII, estabelecendo-se em nossa região: os irmãos Domingos da Costa Afonso e Manoel da Costa Afonso (ver Box). Tinham eles vastos negócios no entorno/paragem do Rio das Mortes, em especial nas aplicações de São Tiago, Santa Rita do Rio Abaixo (Ritápolis) e São Gonçalo do Brumado (Caburu). Domingos da Costa Afonso foi aquinhado pela Coroa Portuguesa com a doação de uma sesmaria (Capão Grande/Capão Grosso), hoje proximidades/adjacências da cidade de São Tiago, por carta de 25/04/1747.

Domingos da Costa Afonso foi inventariado em 1770, por sua viúva D^a Maria de Almeida e Silva. Nomeou como inventariante em 1^o lugar a esposa Maria de Almeida e Silva (original danificado,) em 2^o lugar Manoel João de Andrade e ainda Pedro de Amorim Dantas e Pedro de Almeida e Silva. Bens de raiz: Sítio (Capão Grosso na aplicação de São Tiago) com casas de vivenda cobertas de telhas e senzalas cobertas de capim, com suas capoeiras e árvores de espinho e tudo o mais pertencente ao mesmo sítio – terras, águas minerais e um andaime por onde passa a água – 400\$000 (Inventário de Domingos da Costa Afonso – ano 1770 – Cx. 340 – IPHAN/SJDR)

LOURENÇO DA COSTA AFONSO - O Presb. Lourenço da Costa Afonso era filho de Domingos da Costa Afonso (1697-1770) e Maria de Almeida e Silva (1719-...); batizado aos 19-10-1741 na capela de São Gonçalo do Brumado (Caburu) pelo Revm^o Pe. José Fernandes Barros sendo padrinhos Manoel João de Andrade, solteiro e Francisca de Almeida Silva c/c João da Costa Souza. (Livro de batizados da matriz de São Del-Rei, capela filiada de São Gonçalo do Brumado, fls. 74v / Projeto Compartilhar – Inventário de Domingos da Costa Afonso – 1770 – MR-SJDR – Cx. 340) Há uma divergência ou equivoco com relação ao Projeto Compartilhar que fixou o ano de batizado em 1744, divergindo do que consta no De Genere Vita et Moribus e do livro de batizados (Lourenço da Costa Afonso), que, por sua vez, viria a falecer, vítima de variola, na Bahia aos 01-11-1766, sendo aí sepultado, para onde se dirigira a fim de receber as ordens sacerdotais, não se fazendo comparecer nem se representar, obviamente, no inventário paterno (1770)

PAIS E IRMÃOS DO PRESBITERO LOURENÇO DA COSTA AFONSO

- Seu pai, Domingos da Costa Afonso,⁽¹⁾ era natural e batizado aos 25-04-1697 na matriz da freguesia de Nossa Senhora da Estrela, vila da Ribeira Grande, Ilha de São Miguel, filho de Domingos Afonso e s/m Teresa da Costa,⁽²⁾ ambos naturais da citada freguesia de Nossa Senhora da Estrela da Ilha de São Miguel, bispado de Angra e aí casados aos 21-08-1694. Domingos da Costa Afonso faleceu em 1770. Casado com Maria de Almeida e Silva⁽³⁾, natural e batizada aos 17-01-1719 na igreja matriz de Irajá, freguesia de Nossa Senhora da Candelária, bispado do Rio de Janeiro, filha de José de Almeida e Silva e s/m Maria Pereira. José de Almeida e Silva, por sua vez, era natural e batizado na freguesia de São Bartolomeu do Monte Redondo, arcebispado de Braga e D^a Maria Pereira era natural da freguesia de Nossa Senhora da Candelária, bispado do Rio de Janeiro e "viviam de suas lavouras e partidos de cana nos recôncavos da cidade do Rio de Janeiro" (De Genere Vita et Moribus - Lourenço da Costa Afonso)

O casal José de Almeida e Silva e Maria Pereira teve ainda os filhos: I. Pedro de Almeida e Silva, falecido e com inventário abertos em 1775, residente na freguesia de Santa Rita do Ibitipoca; II. Francisco de Almeida e Silva, testamentário do irmão Pedro e tutor de seus três filhos.

Filhos do casal Domingos da Costa Afonso/Maria de Almeida e Silva:

1 - Lourenço da Costa Afonso, batizado aos 19-10-1741 na capela de São Gonçalo do Brumado (Caburu) Religioso presbítero, vindo a falecer aos 01-11-1766 na cidade de Salvador, Bahia, vítima de variola, para onde se dirigira "para lhe serem conferidas todas as ordens sacerdotais", Tema da presente matéria.

2 - Gonçalo da Costa Afonso nascido em 1742, com 28 anos em 1770. Casou aos 23-11-1774 na capela de São Tiago com Maria Antonia da Silva, filha de José Jorge da Silva e Mariana Páscoa da Fonseca. Aos 03-02-1783, Gonçalo passou uma procuração na Fazenda do Capão Grosso, aplicação de São Tiago, para ser representado no inventário paterno, nomeando, para tanto, os procuradores Bento José de Faria e Souza e Francisco Joaquim das Graças.

Gonçalo da Costa Afonso foi testemunha de casamento de Manoel Rodrigues Barreiros e Rita Custódia da Silva, sua cunhada, filha de José Jorge da Silva e Mariana Páscoa da Fonseca, estes importantes sesmeiros em nossa região, aos 02-03-1791 na capela de São Tiago.

3 - Tenente João da Costa Afonso com 26 anos (1770) Batizado na capela de São Gonçalo do Brumado (Caburu) aos 24-06-1743. Ca-

sou aos 03-02-1773 na capela de São Tiago com Joaquina Furquim Angélica da Luz (1759-...), filha do Alferes Antonio Furquim da Luz (1723-1796) e Antonia do Sacramento (1733-1783) (família "Antonio Furquim da Luz"), np de Francisco do Rego Barros (1686-1748) e Arcângela Xavier Furquim da Luz (1704-...) e de Félix Ferreira do Amaral (1703-...) e Maria Rodrigues de São José Amaral. Os filhos do casal Ten. João da Costa Afonso e Joaquina Furquim foram batizados na capela de São Tiago, a saber: I. Lourenço, aos 13-09-1779; II. Clara aos 18-10-1780; III. Luciana, aos 19-03-1782. (www.genealogyonline.nl.petrouci_genealogy, acesso aos 18-03-2021)

4 - José de Almeida e Silva com 24 anos em 1770. Batizado aos 14-02-1746 na capela de São Gonçalo do Brumado (Caburu) conforme certidão de inventário do pai. Cerimônia de batismo celebrada pelo Pe. José Fernandes de Barros, capelão de Santa Rita (Ritápolis), sendo padrinhos Pedro de Amorim Dantas e Quitéria Correia de Souza, mulher de Lourenço Ribeiro de Brito. Casou aos 11-01-1775 na capela de São Tiago com Ana Maria de Jesus, filha de Domingos João Freire e Escolástica da Fonseca. (Sobre a família João Freire ver matéria em nosso boletim nº CXXXIV NOV/2018.)

Filhos do casal José de Almeida e Silva e Escolástica da Fonseca:

I. Manoel José de Almeida – casou aos 14-01-1809 com Ana Francisca de Jesus, batizada em São José (Tiradentes) aos 17-09-1781, filha de Francisco José da Silva Mattos e Ignácia Maria dos Santos;

II. Joaquim de Almeida e Silva, batizado aos 28-12-1782 na capela de São Tiago. Casou aos 24-09-1804 na capela de São Tiago com Esméria Margarida de Santana, filha de Joaquim José Ribeiro e Rita Maria do Carmo, sendo padrinho o Pe. José Manoel da Rosa Ribeiro;

III. Maria Ignácia da Silva – casou aos 20-09-1797 na capela de São Tiago com Francisco José da Silva Mattos, viúvo de Ignácia Maria dos Santos. Casal residente em Tiradentes onde teve os filhos Maria e Joaquim.

IV. José de Almeida e Silva – casou aos 29-10-1805 na capela de São Tiago com Angélica Maria Francisca de Jesus, batizada em Tiradentes aos 01-11-1789, filha de Francisco José da Silva Mattos e sua primeira mulher Ignácia Maria dos Santos. Filhos do casal José de Almeida e Silva e Angélica Maria Francisca de Jesus: 1. Joaquim, batizado aos 13-10-1806 na capela de São Tiago, provavelmente falecido em criança; 2.. Antonio, batizado aos 10-09-1809 na capela de São Tiago; III. José, batizado aos 06-01-1812 na capela de São Tiago; IV. Joaquim, batizado aos 25-07-1814 na capela de São Tiago; V. Maria, batizada aos 08-05-1817 na capela de São Tiago; VI. Gertrudes, batizada aos 24-10-1819 na capela de São Tiago; VII. Cipriano, batizado aos 24-10-1824 na capela de São Tiago;

V. Vicente de Almeida e Silva, batizado aos 10-04-1786 na capela de São Tiago, sendo padrinho Pe. José Manoel da Rosa Ribeiro. Casou aos 19-07-1808 na capela de São Tiago com Ana Clara de Jesus Silveira, filha de Inácio da Silveira Machado e Maria Joaquina da Conceição. Filhos do casal Vicente de Almeida e Silva e Ana Clara de Jesus Silveira: 1. Desidério, batizado aos 24-12-1809 na capela de São Tiago; 2. Antonio, batizado aos 05-11-1811 na capela de São Tiago

VI. Inácia Matildes da Silva, batizada aos 02-05-1822 na capela de São João Batista (Morro do Ferro). Casou aos 21-08-1822 na capela de São João Batista com Pedro Nolasco da Afonseca, filho de Antonio Rodrigues da Fonseca e Maria Joana do Pilar. No censo de 1831, curato de São João Batista (Morro do Ferro), Pedro Nolasco, 50 anos, ferreiro e Inácia Matildes com 40 anos, fiandeira, eram moradores do fogo 25 em companhia dos filhos José, Gertrudes, Maria e Bárbara e ainda 6 escravos.

VII. João de Almeida e Silva, batizado aos 09-12-1789 na capela de São Tiago. Casou aos 13-02-1809 com Felícia Antonia de Oliveira, filha do Alferes Jerônimo de Souza Oliveira e Luiza Antonia Teodora (família “Lemos Godoy”) Filhos do casal João de Almeida e Silva e Felícia Antonia: 1. Rita, batizada aos 19-11-1809 na capela de São Tiago; 2. Joaquim, batizado aos 24-06-1812 na capela de Bom Sucesso, sendo padrinho o Cap. Pedro Duarte de Faria; 3. João, batizado aos 03-02-1814; 4. Maria, batizada aos 26-01-1817 na ermida de Nossa Senhora do Rosário das Laranjeiras.

5 - Manoel da Costa Afonso – Com 20 anos em 1770; batizado aos 09-02-1750 na capela de São Gonçalo do Brumado (Caburu) pelo Pe. Dionísio Ferreira Alves, capelão da dita capela, sendo padrinhos Manoel João de Andrade e Quitéria Correia de Souza, conforme certidão no inventário paterno. Habilitou-se ao sacerdócio, frequentando o Seminário de Mariana, conforme consta do De Genere Vita et Moribus de seu irmão Lourenço da Costa Afonso, não dando sequência, ao que se sabe, aos propósitos religiosos. Era solteiro em 23-07-1786, conforme certidão de batismo de Silvério, filho de Bartolomeu Frazão de Brito e Teodosia Maria de Jesus, sendo Manoel o padrinho da citada criança – cerimônia realizada na capela de São Tiago (Aportes da Genealogia Paulistana – Projeto Compartilhar - Manoel de Brito Nogueira), não se tendo, até o momento, maiores dados a seu respeito.

6 - Ana Maria de Almeida, casada na capela de São Tiago aos 14-09-1784 com Manoel da Silveira Machado, este n. de Passatempo, onde foi batizado aos 21-04-1754, filho de José da Silveira Machado e Maria Antonia de Jesus, nm de José Dutra Duarte, n. de Cedros, Ilha do Fayal e Maria da Encarnação, n. da Ilha da Madeira. José da Silveira Machado (+ 26-02-1762) e Maria Antonia de Jesus eram proprietários da fazenda Bom Sucesso da Picada dos Goiaes, aplicação de Passatempo, onde José da Silveira Machado redigiu seu testamento aos 10-05-1758.

Filhos do casal Ana Maria de Almeida e Manoel da Silveira Machado:

I. Maria, batizada aos 12-06-1785 na capela de São Tiago; II. Manoel da Silveira Machado, batizado aos 13-01-1787 na capela de São Tiago. Casou aos 24-11-1808 na capela de São Tiago com Maria Joaquina da Glória, filha de Gabriel Marques de Sá Carvalho e Joaquina Maria de Jesus; III. José, batizado na capela de Bom Sucesso aos 26-09-1789; IV. João, batizado na capela de Bom Sucesso aos 05-11-1792; V. Maria, batizada na capela de São Tiago aos 08-03-1797; VI. Joaquim, batizado aos 23-12-1798 na capela de São Tiago; VII. Izabel, batizada aos 3-11-1800 na capela de São Tiago (Fonte: Projeto Compartilhar – José da Silveira Machado)

NOTAS

(1) *A testemunha Luiz Pereira de Lemos, morador na vila de São João Del-Rei do Rio das Mortes declarou pelo que respeita a Domingos da Costa Afonso, pai dos justificantes (Lourenço e Manoel da Costa Afonso) “é tido e havido por legítimo e inteiro cristão velho, de limpo sangue, muito temente a Deus e amante da pobreza tanto que para socorrer aos pobres circunvizinhos de sua Fazenda do Rio do Peixe, com os sacramentos da Igreja, fêz uma capela dedicada ao Apóstolo São Tiago à sua custa e quem isso faz se deve julgar por si e seus pais isento e livre das reprovadas nações acima declaradas”*

A testemunha Cap. George Colasso Dória, residente na freguesia de Nossa Senhora do Pilar da vila de São João Del-Rei, declarou que Domingos da Costa Afonso e Maria de Almeida, pais dos justificantes, eram seus vizinhos há mais de 35 anos, moradores no distrito da capela de Santa Rita, filial da matriz da vila de São João Del-Rei “onde vivem de suas lavouras e de minerar”

A testemunha Antonio Moniz Barreto, que foi vizinho de Domingos da Costa Afonso e sua mulher no distrito de Santa Rita, afirma serem eles “moradores na sua fazenda do Rio das Mortes abaixo do distrito da capela de Santa Rita”

Domingos da Costa Afonso foi batizado aos 25-04-1697 na matriz de Nossa Senhora da Estrela, vila de Ribeira Grande, Ilha de São Miguel, sendo padrinhos o Cap. Baltazar Afonso Paiva e Doroteia de Ascensão (Livro de Assentos de batizados Matriz de Nossa Senhora da Estrela de Ribeira Grande, fls. 27)

Domingos da Costa Afonso e D^a Maria de Almeida e Silva casaram-se no início de 1741 na matriz da vila de São João Del-Rei (fls. 66v – “Livro que serve aos assentos que faltam nos livros findos”)

(2) *Avós paternos do Presb. Lourenço da Costa Afonso: Avô - Domingos Afonso, filho de Cristóvão Afonso e Maria Fernandes, foi bati-*

ASPECTOS ECLESIASTICOS - Os cinco filhos homens do casal Domingos da Costa Afonso e Maria de Almeida e Silva, a saber Gonçalo, Manoel, Lourenço, João e José pleitearam “servir a Deus no estado clerical” (documento datado aos 31-01-1763, bispado de Mariana) tendo apenas Lourenço, ao final e ao que se conclui, dado prosseguimento aos estudos eclesiásticos. Para fazer face ao dote (patrimônio) para ordenação do filho Lourenço, Domingos da Costa Afonso e esposa fizeram a doação de terras – fazenda sita no Rio das Mortes Abaixo, avaliada em 830\$000 – e ainda 4 escravos. O habilitando Lourenço da Costa Afonso foi examinado e aprovado “para prima tonsura os quatro graus de ordens menores, subdiácono, diácono e presbítero” com a competente expedição de ordenação (documento da Diocese de Mariana de 15-02-1766). A ordenação de Lourenço na Bahia se deve ao fato de que, à época, a arquidiocese de Mariana estava vacante, com a morte de D. Manuel da Cruz em 1764 e seu substituto D. Joaquim Borges de Medeiros só assumiu em 1771.

O presbítero Lourenço da Costa Afonso faleceu na Bahia aos 01-11-1766, para onde tinha se dirigido em companhia de Pe. Antonio de Souza Monteiro Galvão⁽⁴⁾, filho do sesmeiro Domingos Monteiro Lopes e D^a Mariana de Souza Monteiro, para fins de sacração sacerdotal. Sepultado na freguesia de Nossa Senhora do Pilar da cidade de Salvador, tendo como causa mortis bexigas (variola) Após ordenado, Lourenço tinha intenção nos serviços da capelania de São Tiago, tendo declarado “que na paragem aonde assiste está vaga a capela de São Tiago e não há capelão que para ela queira ir pela pobreza” (declaração de 27-02-1766, conforme consta em seu De Genere Vita et Moribus)

O testamento do casal Domingos da Costa Afonso e Maria de Almeida Silva é datado de .../08/1751 e o inventário (Domingos da Costa Afonso) de 1770

(Fontes: *Testamento e Inventário de Domingos da Costa Afonso – 1770 – Cx. 340 – MRSJDR / De Genere et Vita Moribus – Lourenço da Costa Afonso e seu irmão Manoel da Costa Afonso – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – ano 1765 – armário 08, pasta 1355*)

Obs. *O De Genere Vita et Moribus de Lourenço da Costa Afonso foi pesquisado e relacionado como fonte bibliográfica pela historiadora Luciane Cristina Scarato em sua obra “Caminhos e descaminhos do ouro nas Minas Gerais: administração, territorialidade e cotidiano – 1733-1783” Campinas, IFCH/UNICAMP, 2009, p. 284 com a seguinte informação: Arquidiocese de Mariana - Lourenço da Costa Afonso – 1765 – distrito da capela de Santa Rita/São João Del-Rei n^o 1553, armário 08*

zado aos 25-02-1645 na freguesia de Ribeira Grande. A avó, D^a Teresa da Costa, batizada aos 09-02-1668, era filha de Antonio de Oliveira (Medeiros) Costa e Ana de Paiva, moradores no lugar Rabo do Peixe, vila de Ribeira Grande (Livro de batizados fls. 36v – Paróquia/Igreja de Bom Jesus do Rabo do Peixe, vila de Ribeira Grande, Ilha de São Miguel) Domingos Afonso e Teresa da Costa casaram aos 21-08-1694.

(3) *D^a Maria de Almeida e Silva foi batizada aos 17-01-1719 na freguesia de Irajá, Rio de Janeiro, pelo Revm^o Vigário Pe. João Barcelos Machado, sendo padrinhos João de Almeida e Silva e Francisca da Silva, mulher de Joaquim de Almeida Soares. Pais de D^a Maria de Almeida e Silva: José de Almeida e Silva, natural e batizado na freguesia de São Bartolomeu do Monte Redondo, bispado de Braga e Maria Pereira, batizada na freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá e moradora em Maripóã (Livro de batismos da Freguesia de Irajá fls. 122) D^a Maria Pereira, por seu lado, era filha de Sebastião Alves e Bárbara Pereira, natural e batizada aos 25-09-1684 na freguesia de Nossa Senhora da Candelária, bispado do Rio de Janeiro.*

(4) *O Pe. Antonio de Souza Monteiro Galvão, confrade religioso de Lourenço da Costa Afonso, foi batizado aos .../02/1738 na capela de São Gonçalo do Brumado (Caburu), filho de Domingos Monteiro Lopes e Mariana de Souza Monteiro. Foi pároco de Campanha da Princesa, hoje cidade de Campanha/MG. Já era falecido em 1823. De Genere Vita et Moribus de Pe. Antonio de Souza Monteiro Galvão – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana-AEAM – 1766 – C:0313/A:12/Pr.0313. Sobre seu pai, Domingos Monteiro Lopes, um dos primeiros e mais importantes sesmeiros da Paragem do Rio do Peixe, publicaremos oportuna matéria nas páginas do boletim.*

Nossos agradecimentos à eminente pesquisadora Prof^a Edriana Nolasco pela transcrição do “De Genere Vita et Moribus” do Presb. Lourenço da Costa Afonso.

BOX - MANOEL DA COSTA AFONSO

Manoel da Costa Afonso, tal qual seu irmão Domingos da Costa Afonso, era natural da freguesia de Nossa Senhora da Estrela. vila de Ribeira Grande, bispado de Angra, Ilha de São Miguel (Arquipélago dos Açores), migrando jovem para o Brasil e estabelecendo-se na “Paragem do Rio das Mortes”, atual localidade de São Tiago, tendo Manoel influentes negócios ainda na região de São João Del-Rei. Sobre os pais de Manoel da Costa Afonso, ver nota 2 supra.

Casou com Ana Maria de Jesus, natural da freguesia de Prados, filha de José Mendes Carneiro (família “Manoel Ribeiro Baião”) e Maria Gertrudes. Manoel da Costa Afonso faleceu aos 18-10-1874, com inventário (que se acha muito danificado, segundo a pesquisadora Regina Junqueira).

Filhos do casal Manoel da Costa Afonso e Ana Maria de Jesus:

I. Manoel Gonçalves da Costa, batizado aos 18-11-1764 na capela de São Tiago; tutor de seus irmãos menores (Ver Box) . Casou aos 19-03-1788 na capela de Santo Antonio do Amparo com Ursula Maria de Jesus, filha de Manoel Antonio de Carvalho e Ursula Branca de São Joaquim (família “Manoel Antonio de Carvalho”)

II. Maria Joaquina de Jesus, casou aos 13-09-1784 na capela de São Tiago com Joaquim da Silveira Machado, filho de José da Silveira Machado e Maria Antonia de Jesus (família “José da Silveira Machado”)

III. Joaquina Maria de Jesus, batizada aos 02-04-1772 na capela de São Tiago; casou aos 15-08-1791 na capela de São Tiago com Gabriel Marques de Sá Carvalho, filho de Manoel Marques de Carvalho e Tomázia Maria de Jesus (família “Os Ávila Raposo”) Sobre Manoel Marques de Carvalho, sesmeiro e mestre construtor da capela de São Tiago e Sant’Ana (1761) ver matérias em nosso boletim nºs

Filhos do casal Gabriel Marques de Sá Carvalho e Joaquina Maria de Jesus: 1. Albina, batizada aos 07-04-1801 na capela de São Tiago; 2. Maria Joaquina da Glória, casou aos 24-11-1808 na capela de São Tiago com Manoel da Silveira Machado, filho homônimo de Manoel da Silveira Machado e Ana Maria de Almeida

IV. Antonio da Costa, batizado aos/12/1779 na capela de São Tiago; casou aos 06-05-1800 na capela de São Tiago com Maria José da Visitação, natural de Santo Antonio de Itaperava, filha natural de Teodósia Trindade Correa de Melo, c/c Antonio José Rodrigues.

•Os filhos menores de Manoel da Costa Afonso foram tutelados pelo irmão Manoel Gonçalves da Costa, sendo os bens (legítima) dos menores levados a leilão e arrematados em hasta pública pelo Alferes Manoel Mendes dos Santos pela quantia de 286\$127. Segundo documentação, a quantia foi entregue aos destinatários, então emancipados, em data de 21-06-1800 (Cx. Nº 02 – Contas de Tutela – IPHAN/SJDR) Eis o que consta na obra “As três chaves do Juízo: o cofre dos órfãos e o crédito nos tempos do declínio do ouro – Vila de São João Del-Rei 1774-1806” autoria de Raphael Chaves Ferreira, UFSJ, 2025, p. 16:

“Vila de São José do Rio das Mortes, o ano era 1793. Manoel Gonçalves da Costa se apresentava diante do Juiz de Órfãos daquela vila e declarava que, como tutor do menor Antonio, filho de Manoel da Costa Afonso e seu irmão, havia feito arrematar em praça pública os bens de sua legitima pela quantia de 286\$127, passando escritura de dinheiro a juros ao mesmo comprador, o Alferes Manoel Mendes dos Santos. O tutor pedia ao juiz que os juros dessa divida fossem consignados à alimentação e criação do órfão.

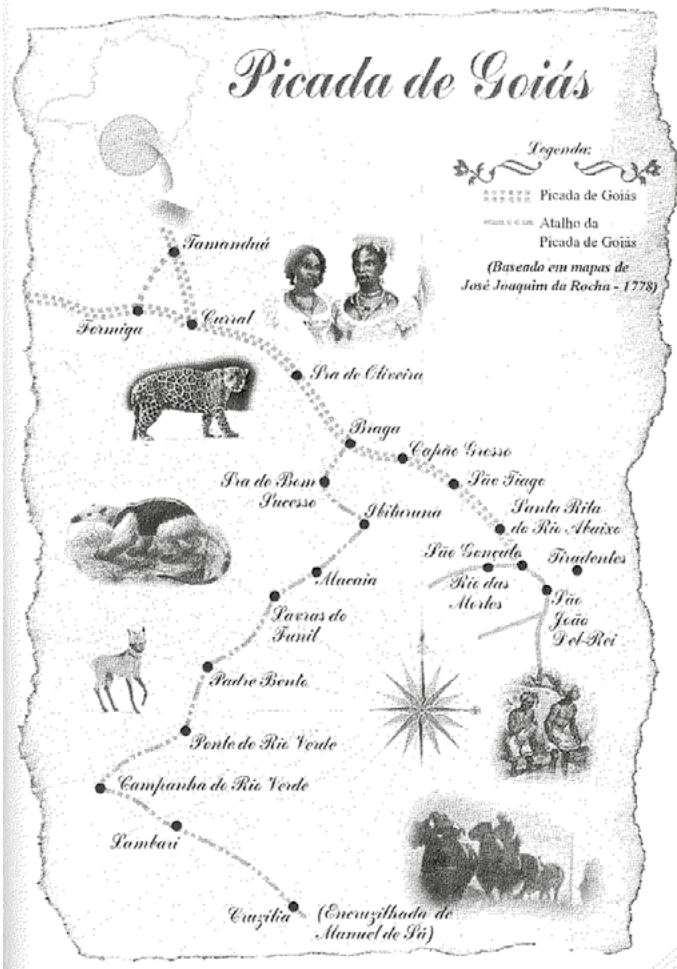
Quatro anos depois, em junho de 1797, era intimado pelo Sargento-Mór Antonio da Fonseca Pestana de Gouveia que, então, atuava como ministro daquele juízo, a prestar contas. O tutor, representado por seu procurador, mandava dizer que a órfã Joaquina, sua irmã, já se encontrava casada há mais de cinco anos e entregue dos bens que lhe foram adjudicados da partilha. Dizia mais que o menor Antonio, então com 18 anos, vivia

em boa educação em companhia da inventariante sua mãe e que já havia cobrado os juros vencidos ao Alferes Manoel Mendes dos Santos, mas que não os havia destinado ao cofre dos órfãos por terem sido empregues na alimentação do seu tutelado.

Três anos depois se fazia juntada ao documento, no qual se dizia que o órfão Antonio da Costa casara com Maria José da Visitação e pedia que lhe fosse entregue a sua herança. O Capitão José dos Santos, juiz de órfãos daquela vila, deu sua licença, declarando Antônio emancipado e ordenando que se lhe entregasse aqueles 286\$127 que lhe tocavam por sua herança, o que foi feito no dia 21 de junho de 1800”

• Manoel da Costa Afonso faleceu aos 18/10/1784. A viúva D^a Ana Maria de Jesus, casou-se em segundas nupcias com Francisco Vieira da Cunha, natural de Santa Maria do Elvas, bispado do Porto, filho de João Vieira e Águeda Moreira, cerimônia realizada aos 23-06-1786 na matriz de Nossa Senhora do Pilar em São João Del-Rei. O casal teve a filha Mariana, batizada aos 20-01-1787 na capela de São Tiago, sendo padrinhos Francisco Gonçalves Barros e maria Josefa de Jesus. O inventário de Francisco Vieira da Cunha acha-se arquivado no Museu Regional de São João Del-Rei.

(Projeto Compartilhar – Família Costa Afonso / Inventário de Manoel da Costa Afonso – 1784 – Cx. 597 – MRSJDR)



SÃO TIAGO 72 ANOS (1949-2021)

Cidade mineira, antigo arraial de São Tiago, nascida na efervescência da busca pelo ouro na região, a caminho do Sertão de Goiás e Pitangui. Cresceu e se firmou não com ouro e pedras preciosas, mas com a tradição biscoiteira que deu à cidade o título de “Terra do Café com Biscoito”.

O nome da cidade foi em homenagem ao Santo de devoção dos seus primeiros povoadores, por meio de uma promessa que fizeram de que se encontrassem ouro na localidade Vargem Alegre, Fazenda das Gamelas construiriam uma capelinha num planalto entre os Rios do Peixe e Jacaré em homenagem a São Tiago. Graça alcançada, promessa cumprida!

Cidade de pessoas hospitaleiras, trabalhadoras, criativas e de tantos outros dons que se destacam em vários segmentos da cultura, da arte, da literatura, da música, da política, da educação e dos negócios.

Gente de se admirar, de trocar um dedo de prosa e de uma boniteza no brilho do olhar. Gente de palavra firme, de sorriso radiante



e de fé marcante.

Gente de cultura e que leva a educação a sério, terra que formou vários profissionais para o magistério de São Tiago e região. Hoje ainda forma pessoas para a vida, para a cidadania, para o ingresso noutras etapas de ensino e na carreira profissional.

São Tiago tem sua economia firmada na agropecuária e também na fabricação dos saborosos biscoitos que levaram a tradição e fama de biscoiteira da região e do Brasil.

Terras de belezas naturais e solo de riquezas minerais.

Culinária diferenciada na cidade e nas diversas comunidades rurais. Sabores e cheiros atraentes!

Quem vem aqui se apaixona e quer ficar!

E viva São Tiago pelos seus 72 anos de emancipação-político e administrativa. E, ao seu povo hospitaleiro, trabalhador que faz deste rincão mineiro um lugar de progresso, oportunidades e realizações.

Marcus Santiago
IHGST/ALSJDR



ROTA DE QUEIJO TERROIR VERTENTES

Projeto “Rota de Queijo Terroir Vertentes” que abrange os 26 municípios do Circuito Trilha dos Inconfidentes foi escolhido representando o Sudeste Brasileiro – para participar do programa “Experiências do Brasil Rural”. Trata-se de iniciativa do Ministério do Turismo (MTUR) a Universidade Federal Fluminense (UFF) e parceira com a EMATER tendo se classificado entre mais de 50 projetos de todo o País.

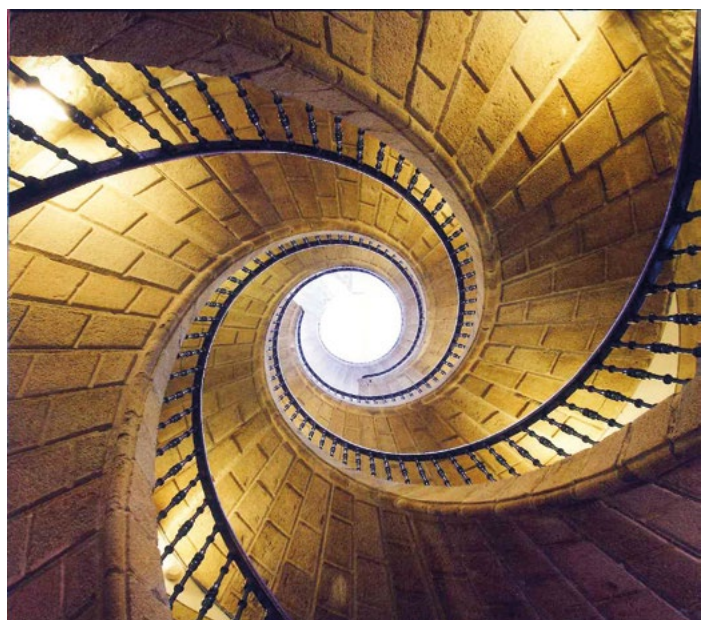
Em nossa região foram identificados mais de 80 produtores rurais, dedicados à produção de Queijo Artesanal, com suas características de clima, solo e ambiente, dentre eles o casal gastrô (Amana e Cláudio Ruas) de Resende Costa.

A participação no programa permite maior visibilidade e comercialização de nossos produtos, estimulando a qualificação de nossos empreendedores e promovendo a agricultura familiar bem como o turismo rural, o resgate de nossas tradições gastronômicas, artesanais e culturais.



WWW.TRIPADVISOR.COM.BR/ DIVULGAÇÃO

SANTIAGO DE COMPOSTELA





Um pouco sobre a História da Carta

A carta é uma das mais usadas e antigas formas de comunicação entre as pessoas. Uma cartinha para a mãe em seu aniversário, uma para a professora declarando toda nossa admiração ou mesmo o e-mail que o pai escreve reclamando de ligações telefônicas cobradas indevidamente são exemplos de que as cartas podem mudar sua forma de registro ou de envio, mas ainda permanecem vivas nos dias de hoje.

Por meio delas, boa parte da história da humanidade ficou registrada e pode ser contada. Isso porque, quando as pessoas enviam cartas umas para as outras, elas acabam contando fatos históricos, descrevendo como as pessoas se relacionam umas com as outras, opinando sobre acontecimentos sociais e todas essas informações constroem pistas que podem ajudar a recompor a vida como vem ocorrendo no decorrer da história.

A bíblia, que é considerada uma das fontes de informações mais antigas, já apresenta muitos exemplos de cartas. Os primeiros textos bíblicos foram escritos 1.513 anos antes de Cristo nascer, ou seja, há mais de 3.500 anos atrás.

Ali podemos encontrar, por exemplo, cartas dos discípulos Pedro e Paulo que acompanharam Jesus em suas jornadas.

Durante sua história, a carta foi escrita em muitos tipos de materiais e muitos foram os canais pelos quais era enviada. Assim, as primeiras cartas foram escritas com um material chamado de papiro, um tipo de papel feito com uma planta chamada papiro e que serviu de suporte para as pessoas escreverem e enviar mensagens muitos anos antes da existência da bíblia, ou seja, 3.000 anos antes de Jesus nascer. Muitos anos depois, no século 2 antes de Cristo, em uma região na Turquia chamada de Pérgamo, foi inventado o pergaminho, um tipo de papel feito de pele de carneiros e bezeros.

O papel que utilizamos nos dias atuais foi inventado 100 anos depois do nascimento de Cristo por um chinês chamado T'sai Lun. Esse chinês inventou de misturar e bater fibras de vegetais formando uma massa que, depois de peneirada e colocada para secar, formava uma fina folha de papel ideal para ser transportada e para escrever cartas, bilhetes, livros e o que mais fosse preciso.

Com o avanço da tecnologia, mensagens escritas podem ser enviadas sem a utilização de papel. É o caso do e-mail. No entanto, há quem prefira uma carta escrita em papel, devido a esse material ser acessado sem a necessidade de computadores e internet. Além do mais, as cartas escritas pelas próprias mãos do autor transmitem o que um e-mail não é capaz de transmitir: as emoções. Como diz uma amiga do escritor Overluc Menezes em uma carta a ele enviada, "Bill Gates que me desculpe. Ele pode ser rico e inteligente, mas deve ter poucos amigos! Pois, se tivesse um amigo como você, saberia o prazer de receber uma carta, e não um email" (MENEZES, 2005, p. 16).

Outra importante fato histórico a ser observado se refere ao modo como as cartas chegavam até seu destinatário. Vamos ver a seguir alguns importantes momentos em que a carta mudou sua forma de circular saindo das mãos do autor e chegando até seu destino final.

POMBO-CORREIO

Os pombos foram utilizados por muito tempo como meio de envio de mensagens. Observando que eram capazes de voar rapidamente por uma

distância de cerca de 160 km e retornar para o local onde foram criados, logo as pessoas perceberam que essa destreza poderia ser utilizada para levar cartas e pequenos objetos de um local para outro gastando poucas horas para cumprir o trajeto. Há indícios de que esses animais já eram adestrados para transportar mensagens de uma cidade para outra desde 2.800 anos antes de Cristo.

Nos jogos Olímpicos da antiga Grécia (700 anos antes de Cristo) os pombos eram responsáveis por levar às cidades gregas mensagens noticiando os vencedores da competição. Milha res de anos depois, na Primeira Guerra

Mundial, os pombos-correio pouparam a vida de muitos soldados levando mensagens pelos campos de guerra. Sem esses animais, os soldados seriam obrigados a se arriscar a topar com os inimigos na tentativa de transportar as cartas com as comunicações importantes sobre a guerra. Na Argentina, esse tipo de comunicação postal foi utilizado até a década de 50 encaminhando correspondências por todo o país.

Podemos perguntar, e nos dias atuais, ainda existem pombos-correio?

Com o avanço da tecnologia, diminuiu-se o uso de pombos como meio de envio postal, mas essas aves não perderam seus empregos.

Atualmente, em algumas localidades, os pombos-correio ainda transportam mensagens e encomendas e, em muitos países, são usados em competições chamadas columbofilia. Na Europa, por exemplo, uma competição objetiva levar os animais a percorrerem uma distância de quase mil quilômetros entre Barcelona e Bélgica. No Brasil, temos uma competição que sai de Brasília e chega até São Paulo (mais de 900 quilômetros).

NAVIOS

Quando chegaram às terras recém descobertas que dariam origem ao Brasil, muitos tripulantes se interessaram por mandar notícias ao Rei de Portugal chamado Dom Manuel. No entanto, nenhuma das cartas enviadas ficou tão conhecida como aquela escrita por Pero Vaz de Caminha.

Nessa carta, Caminha dá notícias ao rei sobre as descobertas realizadas descrevendo detalhes da geografia, dos nativos encontrados e dos possíveis recursos a serem explorados por Portugal. Assim, essa carta é tida como o primeiro documento oficial escrito em terras brasileiras. Foi manuscrita com pena e tinta sobre papel.

Caminha assina a carta na data de 1º de maio de 1.500 enviando-a por meio do capitão Gaspar de Lemos. Enquanto seguiram para a Índia, Gaspar de Lemos voltou para Portugal com a missão de entregar a carta ao Rei, o que de fato levaria mais de 40 dias para chegar às mãos do destinatário.

CAVALOS

Outras formas de envio postal foram utilizadas. Já assistiram algum filme em que as pessoas enviam mensagens em garrafas lançadas ao mar? Já ouviu falar em mensageiros que decoravam a mensagem e corriam antes de esquecê-las para reproduzi-la ao destinatário?

Todas essas são formas interessantes de transmissão de mensagens. Mas um fato que marcou a história da evolução da carta tem a ver com o uso de cavalos.

Em 1.860, três empresários dos Estados Unidos criaram um correio expresso utilizando cavalos como meio de cruzar o território americano com o objetivo de entregar correspondências. Era o famoso Pony Express. Para cumprir toda a rota de Missouri até a Califórnia, uma distância de quase 3.000 km, os mensageiros levavam quase 11 dias.

Com o surgimento do telégrafo, a empresa teve que encerrar suas atividades um ano depois de inaugurada.

CORREIOS

O primeiro correio brasileiro, o "Correio-mor das cartas do mar", foi criado em 1673. Era uma forma demorada de entrega postal por depender de viagem marítimas para chegar do Brasil a Portugal. Em 1798 foi criado os Correios Marítimos estabelecendo uma ligação postal marítima entre Rio de Janeiro e Lisboa.

Em 1927 inicia-se o transporte de correspondência via aérea entre América do Sul e Europa. No Brasil, o presidente Getúlio Vargas instituiu o Departamento de Correios e Telégrafos no ano de 1930.

A empresa que hoje conhecemos e que entrega cartas, contas, produtos comprados pela internet e até aquela cartinha que escrevemos para o papai Noel, foi criada em 1969. Chama-se Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Hoje, os Correios entregam as correspondências em tempos recordes utilizando carros, caminhões e aviões para levar mensagens e encomendas por todo o país.

Existem vários prazos para entrega das correspondências, dependendo da distância a ser percorrida e do valor pago. Os correios possuem diversas modalidades de entrega permitindo atender às necessidades de empresas, órgãos públicos e pessoas em geral. Sem dúvidas, a mais conhecida é o Sedex (Serviço de Encomenda Expressa Nacional) criado em 1982. Com esse serviço, os Correios prometem realizar as entregas em até 5 dias.

E-MAIL

A popularização do acesso à internet permitiu que as pessoas pudessem usar o correio eletrônico e utilizá-lo com frequência. O primeiro correio eletrônico utilizando o símbolo @ como forma de constituir endereços eletrônicos foi criado em 1971 por Ray Tomlinson.

Por meio do e-mail, as pessoas podem enviar, receber e armazenar mensagens, documentos, vídeos, imagens e toda forma de documento digital. Por um lado, o e-mail mostra-se uma excelente forma de comunicação, considerado a carta moderna, permitindo que as pessoas se comuniquem em tempo real sem utilizar papel ou sem precisar de outra pessoa para entregar a correspondência. No entanto, para que funcione, é preciso que tanto o remetente quanto o destinatário tenham disponível um computador conectado à internet. No entanto, muitas pessoas ainda não possuem condições econômicas para ter acesso às tecnologias atuais.

COMO O POMBO-CORREIO SABE PARA ONDE LEVAR A ENCOMENDA?

Usados há muito tempo, inclusive na Primeira Guerra Mundial, quando não havia comunicação por rádio, levavam recados entre os batalhões.

Daniilo Cezar Cabral

Existem algumas teorias sobre a capacidade de orientação dos pombos-correio, mas nenhuma delas é 100% comprovada. O que se sabe é que eles sempre voltam para onde nasceram. E é só para lá – e não para qualquer lugar – que levam a encomenda. As explicações mais comuns são:

– Os pombos têm um "instinto natural" parecido com o de aves migratórias; - A visão privilegiada permite que localizem pontos de referência com facilidade; - Eles possuem uma "bússola natural", formada por partículas de magnetita no bico. O mineral aponta o norte da Terra.

Os pombos-correio são uma raça diferente dos pombos comuns. Usados há muito tempo, inclusive na Primeira Guerra Mundial, quando não havia comunicação por rádio, levavam recados entre os batalhões.

CARTEIRO ALADO

Como o pombo Cher Ami salvou 194 vidas

Cher Ami – que em francês significa "Querido amigo" – nasceu e foi criado em uma base do exército americano próximo à cidade de Binarville, na França. Depois de treinado, ele foi doado ao comandante da 77ª Divisão de Infantaria Americana. Esse grupo ficou conhecido como o Batalhão Perdido por ficar preso em uma depressão na floresta de Argonne, ali perto. O Batalhão Perdido avançou rumo ao norte, enquanto o resto dos americanos ficou no sul. Assim, o grupo acabou cercado por inimigos alemães e também sob fogo amigo dos americanos, que não sabiam que havia aliados ali. O comandante do batalhão mandou uma mensagem aos compatriotas por meio de Cher Ami.

Após ter percorrido 40 quilômetros em 25 minutos, atravessando a região ocupada pelos alemães, o pombo chegou à artilharia americana gravemente ferido. Alvejado pelos alemães, acabou ficando cego de um olho, teve o peito atravessado por uma das balas e uma de suas pernas foi arrancada! Apesar dos ferimentos, ele entregou a mensagem aos destinatários: o texto indicava a localização do batalhão e pedia que cessassem o fogo. Os 194 soldados do Batalhão Perdido sobreviveram.

O voo de Cher Ami ocorreu em outubro de 1918 e foi a última missão do pombo. Depois da façanha, ele teve que se aposentar, mas ganhou a Cruz de Guerra francesa em homenagem ao seu heroísmo.

Colaboração: Dr. Tarcísio Oliveira

SÃO-TIAGUENES NOTÁVEIS

Jairo Navarro de Castro

Sr. Jairo foi um grande comerciante, empreendedor em nossa cidade. Um expoente no Cruzeiro, uma referência para todo o bairro, um puxador de dedo de prosa, por excelência. Dotado de imensa simpatia, sorriso largo e prosa macia, sendo considerado “o homem do povo” por tamanha sabedoria, educação e caridade.

Era tido com “homem de muitas posses”, porque com seu árduo trabalho, conseguiu construir inúmeras casas de aluguel, era praticamente um quarteirão de casas, na atual Rua, que hoje se chama Pe. José Duque de Siqueira, antes, Dom Viçoso. Essas casas foram de grande valia para a população, como em alugueis com preços baratos, poucos reajustes, nenhuma exigência. Desse modo atendia, viúvas em dificuldades financeiras, pessoas sem emprego fixo, pessoas novas em São Tiago vindo transferidas, famílias de soldados escalados para a cidade, homens de companhias de trabalho dentre outros. Eram casas boas, normalmente de três quartos, quintal e quase todas no mesmo estilo com um alpendre do lado esquerdo, para ter visões das procissões que passavam em tempos de festas, receber visitas e “moçoilas” assentar em cadeiras para namorar. Eram singelas e confortáveis.

Seu armazém ficava no final da rua, num ponto estratégico, com esquina para a Praça da Igreja São Sebastião. Era espaçoso, com grandes vitrines de vidros e escuras, farto balcão, depósitos fundos onde se colocava os cereais para serem pesados e vendidos a quilo. Balanças de ferro pesadas, pesos variados para aferir os quilos, e posteriormente, tudo embrulhado em papel grosso, cinza com barbante ou colocados dentro de sacos de papel pardo. As portas eram largas, abertas para as duas ruas e vários tamboretos compunham o cenário para aquecimento do sol, um gole de pinga e um dedo de prosa. Tudo se achava naquele empório, as mercadorias mais inusitadas, querosene, sabão, açúcar mascavo, amendoim, cereais, tecidos, foguetes, naftalinas e até pregos e botões. As mercadorias eram colocadas na conta. Tudo anotado!

Na pracinha, aconteciam animados jogos de bola, “malhas” e tudo era ligado com a residência do Sr. Jairo: material guardado, tomar café, beber água, uso da “privada seca”, trocas de roupas etc. Era uma casa diferente, portas abertas, janelas baixas sempre abertas, muitos cômodos, sem dona de casa e muitas mercadorias empilhadas. Sua irmã a Sra. Jove e a filha Marilda que faziam a arrumação, eu como amiga de Marilda, estava sempre presente em tudo.

Nos fundos da casa, havia um pátio enorme, onde era cedido para o pessoal que vinha da roça. Deixavam seus animais enquanto permaneciam na cidade. Era cercado, seguro, com grandes cochos, água e jabuticabeiras com sombra. Eram tiradas as arreatas e os animais, em pelo, desca-savam até a próxima tarefa. Era enorme este movimento e na segunda-feira, mulheres vizinhas recolhiam esterco para



suas hortas caseiras.

A criançada que ficava brincando na pracinha, ganhava balas, pipocas, bicos de bala, pirulitos, mexericas, amendoins, balões e até espoletas. Ficávamos todas na espera dos “mimos” do Sr. Jairo.

Seus vizinhos proseando com ele, nas portas, nos balcões: Sr. Maeca, Sr. Dico Custódio, Sr. Benjamim, Sr. Quindinho, pessoal do Cará, Sr. Bento Vieira, Sr. José Francisco etc.

Na área sentimental ele era um ótimo partido para as “moças casadeiras” e uma tranquilidade para as “sogra sonhadoras”, dada à sua integridade e comportamento exemplar. Muitas moças iam velo, 2/3/4, ele não fazia pouco caso de nenhuma. Do balcão, proseava com todas, dava atenção e elas se sentiam felizes. No final, escolheu uma para se casar: Alzira Sampaio (Téco da Maria José do Marçal). Casaram, foram felizes, mas não deixaram filhos descendentes.

No aspecto religioso, ele trabalhava junto ao Monsenhor Eloi, nas várias causas sociais. Sempre festeiro, contribuindo e angariando quantias para as obras da paróquia. Devoto fiel, do Senhor São Tiago, grande colaborador também das festas religiosas da pracinha.

Em reconhecimento a sua vida pública de cidadão íntegro e caridoso, seu nome foi escolhido para o Posto de Saúde do Cruzeiro, área que mais atuou, indicado pelo Sr. João Batista Ferreira (João do Dié). Uma homenagem muito justa, sendo que também prestou serviços à nossa Câmara Municipal por três mandatos como vereador nas gestões de 1949 a 1953, 1973 a 1977, 1977 a 1982.

Seus pais foram: Valdino José Castro e Antonieta Navarro, nascido em São Tiago no dia 13/05/1915 e falecido em 10/05/2003, aos 88 anos, sendo que seu nome é até hoje lembrado por todos nós, seus conterrâneos, com muita saudade e respeito.

Maria Helena Caputo
Professora/Psicóloga



CASTRO ALVES

150 ANOS DE FALECIMENTO

“São os filhos do deserto / onde esposa a luz / onde vive em campo aberto / a tribo dos homens nus... / São os guerreiros ousados / que com os tigres mosqueados / combatem na solidão / Ontem, simples, fortes, bravos / hoje míseros escravos / sem luz, sem ar, sem razão...”

O trecho acima é do poema “O Navio Negreiro”, escrito em 18 de abril de 1869, quando Antonio de Castro Alves tinha 22 anos. Um dos mais brilhantes poetas românticos brasileiros, conhecido como “cantor (ou poeta) dos escravos” ou ainda “o poeta da liberdade” pelo seu entusiástico papel ante as causas da justiça e da liberdade, dentre elas a luta contra a escravidão. Teria ele a breve existência marcada por romances amorosos impetuosos e agudas tragédias pessoais. Patrono da cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras.

Antonio Frederico de Castro Alves, por apelido familiar Cecéu, nasceu aos 14-03-1847 na Fazenda Cabaceiras, vila de Curralinho (hoje cidade de Castro Alves), no Estado da Bahia, filho do médico Antônio José Alves e Clélia Brasília da Silva Castro, falecida quando ele tinha apenas 12 anos. Seria assistido, ele e irmãos, por uma velha mucama da família de nome Leopoldina. Seu pai era também pintor, além de professor da Escola de Medicina, sendo ele o fundador da Sociedade de Artes da Bahia, tendo seus estudos de medicina na França financiados pelo sogro, o Major Silva Castro. Por volta de 1853, a família muda-se para Salvador, passando Castro Alves a frequentar o Colégio Baiano, cujo diretor era Abílio César Borges, futuro Barão de Macaúbas e tendo Rui Barbosa como colega de classe. A esse tempo, o adolescente Castro Alves já demonstrava ampla vocação para a poesia e as causas libertárias, sendo um leitor incansável das obras de Victor Hugo (seu autor predileto e mentor intelectual), Camões, Bocage, Virgílio, Dante, Lamartine, Byron, Musset etc. Era ainda estudioso da Revolução Francesa

e grande admirador de Abraham Lincoln, notável estadista e presidente dos Estados Unidos que, em 1863, aboliu a escravidão naquele país.

Aos 16 anos foi para Recife, juntamente com o irmão José Antonio, iniciando os preparativos para se habilitar à matrícula na Academia de Direito. Era um jovem alto, forte, esbelto, vaidoso, dedicando-se à boêmia, aventuras amorosas, vadiagens que lhe custaram duas reprovações ao curso de direito, só conseguindo matricular-se em 1864. Poeta e orador de destaque, participou ativamente da vida acadêmica e literária, tornando-o um dos arautos do movimento abolicionista e da causa republicana.

Perderia o irmão José Antonio em 1864. Seu pai, que se casara novamente com Maria Ramos Guimarães, morreria aos 23-01-1866, deixando 5 filhos menores desse consórcio, ficando a responsabilidade com a viúva e com Castro Alves, já com 19 anos. Amaria muitas mulheres jovens e maduras, ao estilo donjuanesco de Bocage. Seu porte atlético, frenético atraía a atenção geral, em especial a mulheril. De vida dissoluta, aparecem os primeiros sinais da tuberculose. Em 1867, quase na metade do curso de direito em Recife, Castro Alves parte para uma temporada pela Bahia, Rio e São Paulo, em companhia da atriz portuguesa Eugênia Câmara, mulher experiente e de vida livre, dez anos mais velha do que o poeta, com quem esteve amorosa – e escandalosamente – envolvido, romance de vastas consequências para a vida de Castro Alves. Na passagem pelo Rio, Castro Alves conhece José de Alencar e Machado de Assis, que o introduzem na vida literária do País. Cursaria o 3º ano na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, mas nas férias do final de 1868, feriu-se acidentalmente (pé esquerdo) com um tiro de espingarda, durante uma caçada, disso resultando várias intervenções cirúrgicas e finalmente a amputação do pé, sem anestesia. Publica o livro “Espumas Flutuantes”

tes” (1870). Outro livro por ele preparado “Os Escravos” só sairia postumamente. Retorna à terra natal, vitimado pela tuberculose, falecendo aos 06-07-1871, com 24 anos de idade.

Teria Castro Alves dezenas de musas, amantes e companheiras ao longo da existência. Um homem, todavia, predestinado à poesia, ao ardor libertário. Alistou-se para combater na Guerra do Paraguai em 19-08-1865, sendo, contudo, reprovado nos exames médicos.

Ao final da vida, já debilitado, teve o apoio abnegado da família, em especial da irmã Adelaide e de Leonidia Fraga (ver Box), companheira das quietas tardes de sertão, a quem dedicaria várias de suas poesias. Segundo a oralidade, Castro Alves, entre acessos de tosse, na tarde de seu óbito, teria implorado: Senhor, dai-me, meu Deus, mais dois anos para escrever tudo o que tenho na cabeça!...” faleceria às 15h30 do dia 06-07-1871 no palacete Sodré em Salvador.

ALGUMAS DE SUAS POESIAS

A Canção do Africano
 A Cachoeira de Paulo Afonso
 A Cruz da Estrada
 Adormecida
 Amar e Ser Amado
 Amemos Dama Negra
 As Duas Flores
 Hinos do Equador
 Minhas Saudades
 O Adeus de Teresa
 O Coração
 O Laço de Fita
 O Navio Negroiro
 Vozes d'África
 Os Anjos da Meia Noite (*poema no qual a personagem Bárbara era, na vida prática, Idalina, uma das amásias do poeta em Recife*)
 Boa Noite
 A Destruição de Jerusalém (1862) / Meu Segredo (1863)
 A Mãe do Cativo

Teatro: drama “O Gonzaga ou a Revolução de Minas”



Sua poesia lírica exalta a mulher em toda sua sensualidade, suavidade e plasticidade corporal, a natureza em sua exuberância, bem como o clamor destemido contra a dominação dos negros escravos, contra o tronco, o pelourinho e os horrores da senzala.

Sua popularidade só aumenta ao longo do tempo, passados século e meio de sua morte. Seus poemas influenciaram os cordelistas e a literatura popular nordestina. Vários de seus poemas como O Adeus de Teresa, Boa Noite, Adormecida, Sonhos de boêmia, Pensamento de Amor foram musicados e seu livro “Espumas Flutuantes” já obteve cerca de 130 edições. Centenas de monumentos, escolas, praças, ruas, parques em todo o Brasil homenageiam-lhe o nome. Mencionado por artistas, políticos, intelectuais, sendo suas ideias um ideário sempre vivo em nossa nacionalidade. Sua vida e obra inspiraram, em vários carnavais, sambas-enredos e desfiles de escolas de samba. A antiga fazenda Cabaceiras onde nasceu é hoje o Parque Histórico Castro Alves, no Recôncavo Baiano, que recebe visitantes de todo o País e do exterior. Seus restos mortais acham-se hoje sepultos ao pé de sua famosa estátua na Praça Castro Alves em Salvador.

UMA TRAGÉDIA FAMILIAR

A família Castro Alves viveria uma tumultuosa tragédia familiar. Uma das tias maternas do poeta, Pórcia Carolina, se envolveria num dos mais traumáticos dramas amorosos e passionais da época, ao ser raptada e retida no sobrado da família Canguçu em Bom Jesus dos Meiras (atual Brumado) por Leolino Pinheiro Canguçu, já casado, um dos jovens membros do clã, no ano de 1844. Tinha ela 16 anos e ele 21 anos. Tema de literatura de cordel, de biógrafos e romancistas como Jorge Amado (“ABC de Castro Alves”), Afrânio Peixoto (“Sinházinha”) Pedro Calmon (“História de Castro Alves”), Dario Teixeira Cotrim (“O idílio de Pórcia e Leolino”), José Walter Pires (“O edílio de Pórcia Castro e Leolino Canguçu”), Mário Rizério Leite e ainda peças de teatro “O dia em que passara a rasteira em Bom Jesus”, autoria de Roginauro Silva.

Divergem os autores quanto ao período do rapto (que seria consensual) entre alguns dias ou três a quatro semanas. Leolino, o sedutor, era já casado com Rita Angélica de Souza Meira, proprietários da fazenda Tábua em Bom Jesus. Idílio que custariam a Leolino a reputação, honra, futuro, a vida no dizer de Afrânio Peixoto. Pórcia Carolina era filha do Major José Antonio da Silva Castro, falecido em 1844, cognominado Periquitão, oficial do Exército Nacional, latifundiário, um dos homens mais poderosos da Bahia à época. O rapto da filha geraria intensos conflitos entre famílias da época, com mortes, emboscadas, violências de toda ordem. Era a lei do bacamarte, dente por dente, lei primitiva do sertão. Ter uma filha desonrada era a desonra de toda a família. A criança, fruto do inclemente romance, teria sido esquartejada por jagunços da família Castro, assunto, porém, controverso e para muitos inverídico.

Leolino seria caçado implacavelmente por jagunços da família desonrada, sendo localizado e morto em plena luz do dia e em praça pública, em Grão Mogol, norte de Minas, em agosto de 1847. Sua fuga, ao longo de três anos, tornara-se em vão...

LEONIDIA FRAGA

Leonidia Fraga (1844-1927) foi a “infeliz musa de Castro Alves”, no dizer da escritora e biógrafa Myriam Fraga. Amiga de infância do poeta, Leonidia seria sua última e fugaz musa, com quem permaneceria os últimos momentos quicá uma sombra errante em sua vida.

Leonidia faleceria em 1927, após 15 anos de internação manicomial, no Hospício São João de Deus, em Salvador, ali conhecida como “a louca do solar” ou “a noiva de Castro Alves”, como ela se intitulava.

VIAJANTES ESTRANGEIROS E ALGUMAS IMPACTANTES OBSERVAÇÕES SOBRE O TRABALHADOR BRASILEIRO



Algo que intrigava muitos viajantes estrangeiros era o desinteresse, a inapetência do brasileiro ante o trabalho. Saint Hilaire anotou que “ninguém aceita trabalho permanente, mesmo sendo leve, por dinheiro” e que era necessário, mesmo contra suas crenças, “sujeitar-se ao aborrecimento de ser servido por escravos ou se colocar à mercê dos homens livres” “Os homens livres e pobres nessa região (Bonfim) dispõem de meios muito fáceis de viver sem trabalhar para se submeter ao trabalho árduo...”

Pessoas livres comportavam-se de forma independente, ciosas de sua liberdade, talvez como estratégia de afastar-se da pecha, desvencilhar-se do estigma, em si infamantes, da condição de escravo, ainda presentes na sociedade e no cotidiano do País. “Todo mundo se considera absolutamente livre e independente. Mesmo os criados não toleram um tom imperativo de seus patrões. Não sou escravo é a resposta imediata e não há nada que possamos fazer senão nos tornarmos obedientes criados de nossos criados” observou Von Eschwege, que viveu e viajou por quase todo o território mineiro (Pluto Brasiliensis, vol. 2, Ver pp. 238-239)

O campesino brasileiro era, pois, avesso ao trabalho contínuo e supervisionado. Os viajantes informam que não havia uma oferta voluntária de trabalho assalariado. Braços de aluguel eram geralmente escassos. “Por que um homem livre iria se submeter a trabalhar o ano todo para um estranho se ele vive numa região (...) onde qualquer terra pode ser cultivada e ninguém tem que trabalhar mais do que quatro semanas por ano para ganhar sua subsistência, sem perder sua liberdade ?!” (Von Eschwege – Plu-

to Brasiliensis, vol. 2, p. 265)

O camponês livre sujeitava-se a trabalhos ocasionais ou empregos independentes como tropeiro, vaqueiro, mas dificilmente a se engajar em trabalho permanente, sujeito a ordens e constância e essa era uma das argumentações dos proprietários escravistas e mesmo de viajantes que conviveram com o fato no sentido de justificarem o regime de escravidão vigente.

O próprio Von Eschwege, em si antiescravista, empresário da área metalúrgica, esclarece sua conversão ao sistema servil. “A princípio, não compreí escravos, porque ainda imbuído da mentalidade europeia, eu acreditava que só deveria empregar homens livres (...) O resultado da minha atitude foi que os anos se passaram sem que fosse treinar um único mestre fundidor ou aprendiz (...) tão logo tinham aprendido o ofício, os trabalhadores debandavam (...) Finalmente, cheguei à conclusão que era absolutamente necessário adquirir escravos (...) A partir de então, pude operar muito melhor (...) É virtualmente impossível qualquer indústria no Brasil quando se depende de homens livres” Não só o industrial, mas o proprietário de terras ou de minas “desperdiçaria seu tempo andando pela vizinhança (...) à procura de homens livres dispostos a trabalhar (...) A única solução é alugar ou comprar escravos. Só assim ele poderá contar com trabalho permanente” (Pluto Brasiliensis, vol. 2, pp 421, 422, 447 Ver pp. 237, 238, 363)

O engenheiro inglês James Wells, que desenvolveu projetos de ferrovias no interior de Minas no final do século XIX (cujos escritos merecem ser lidos e avaliados), observou não só a dificuldade em

obter trabalhadores – aliás por ele tidos como excelentes – como também o desinteresse desses pelos salários. “Embora eu pagasse o dobro dos salários locais, eu não fiquei de modo nenhum assoberbado com pedidos de emprego” “Viam eles o seu trabalho como um favor” “A dificuldade está em induzi-lo a aceitar, pois ele não trabalha por salário, a não ser quando compelido pelo desejo de uma pequena soma para comprar alguma coisa para si ou para sua família. Do contrário, ele se balança em sua rede, fuma seu cigarro, dedilha o violão ou dorme, informando que está “muito ocupado” e talvez possa vir, “se Deus quiser”, na semana que vem ou na outra...” (“Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil, do Rio de Janeiro ao Maranhão” vol. 1, pp. 168, 103, 267).

Wells ressalta, todavia, que o mineiro era gente ordeira, pouca afeita a conflitos ou mesmo divertimentos barulhentos, povo “ordeiro, solene e respeitável” de “disposição pacífica”, não se envolvendo em “contendas eleitorais” como era praxe em outras províncias do País. (p. 183) Observou ele as hierarquias sociais, quando dos eventos sociais e religiosos – domingos, dias santos, festas do interior como de Santo Antonio, cavalhadas, folias de reis – que levavam toda a gente para o centro dos povoados. Um burburinho de gente, turbilhões de ruídos a envolverem os momentos de confraternizações, rezas, sociabilidades, encontros. Sons de sinos chamando teimosamente os fiéis, os anúncios de espetáculos de circo itinerante, as propagandas das lojas e dos vendedores ambulantes, pessoas com roupas coloridas. “Que multidão heterogênea a que se vê em uma manhã de domingo em uma vila mineira normalmente próspera!. Há os importantes fazendeiros, brancos e amorenados, em seus corcéis fogosos; agricultores bem vestidos, brancos e mulatos também bem montados; matutos e sertanejos, alguns montados, outros a pé; as esposas, filhas, mães e irmãs acompanhando seus parentes masculinos, seja a cavalo ou na garupa ou a pé” (pp. 182/183).

Prossegue o autor: “Quase todos os homens e mulheres usam botas ou sapatos, mas parecem desacostumados de usá-los, o que realmente são, pois a caminhada de casa é sempre feita com os

pés descalços até chegar a vila, quando então põem os sapatos ou se desembrulha cuidadosamente um laço fino, muito pregado, que é então preso no vestido; pois é uma cena muito comum vê-los completando suas toaletes à beira de um riacho, ao lado da estrada, antes de se apresentarem ao “povo” (pp. 182/183).

A mesma observação fizeram Spix e Martius quanto à “repugnância da classe pobre do povo em se engajar numa ocupação fixa” (Viagens, vol. 1, pp.368-369) Conveniente lembrar que não tínhamos e jamais tivemos um paraíso agrário em Minas; a população campestre era fustigada por doenças, sem acesso à educação, justiça, saúde, estradas, direitos civis e fundamentais, dentre eles o sufrágio. Não era ele, ademais, um proletário, mas o que o diferenciava era o acesso aos meios de subsistência, “três acres de terra, uma vaca”, um roçado de milho, alguma criação doméstica como porcos e galinhas. “Todo mundo, não importa quão pobre, tem uma roça de milho na vizinhança, um porco, galinhas no quintal” (James Wells, op. cit. vol. 1, pp. 104, 168, 390) O cientista suíço Louis Agassir (1807-1873), visto como um creacionista e defensor do racismo científico, ressalta, por seu lado, “o hábito nacional de tudo deixar para o dia seguinte” (“Viagens ao Brasil 1865-1866” SP, Comp. Editora Nacional, 1938, p.88).

Referindo-se ao Vale do Rio São Francisco, o geógrafo Teodoro Fernandes Sampaio anotou: “Nesses sertões, o pobre nunca é tão pobre que precise trabalhar por salários. O país aqui é largo demais para fazer alguém sentir a pressão da necessidade. A natureza pródiga impede a verdadeira pobreza, aquela que compele ao trabalho e mantém a disciplina pela necessidade de sobreviver” (Teodoro Fernandes Sampaio, O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina, Cia das Letras p. 105).

Fonte bibliográfica: Roberto Borges Martins – “A Economia escravista de Minas Gerais no século XIX” – Belo Horizonte, Cedeplar/UFMG, 1980

Márlia Pessoa Monteiro – “A visão colonialista nos viajantes europeus no século XIX” UFP/PE, s.d.

UMA ÉPOCA EMBLEMÁTICA

Percebe-se, claramente, nos dias atuais, o nível de energias primitivas, instintivas, densas, que viciam, corrompem, desde pessoas anônimas até – e principalmente – altas autoridades e os poderosos do mundo. Forma-se uma “consciência grupal” em que pessoas negligentes, multidões invigilantes são envolvidas coletivamente, entregues à volúpia, à devassidão, à corrupção, à insanidade, à lubricidade. Um desregramento generalizado, nefasto, saturação de mentes, um caldeirão de pólvora e que, de alguma forma, há de detonar, de explodir.

A corrupção, devassidão, o roubo organizado, a cobiça sem fim, ilimitadas redes de paixões, a sedução do prazer desregrado se alastram, envolvendo, indistintamente, populares e fidalgos, pobres e ricos. Desamarram-se os cordoames dos instintos inferiores, aflorando rebeldia, violência, perversão, rompendo-se os últimos portais da moral convencional humana, os últimos vestígios do pudor e da dignidade. As pessoas se degradam, se ajustam a prazeres e sensações mórbidas, deixam-se afogar nas lavas incandescentes da luxúria e permitem que os freios – ou seja o comando psíquico – sejam tomados pelas paixões da cólera, devassidão, do personalismo inferior. Eis aí o simbolismo da mulher vestida de púrpura e escarlata – a representação do poder desregrado humano – com uma taça na mão cheia de abominação, ou seja costumes e valores prostituídos. Lamentavelmente, as deficiências humanas afloram na forma de iniquidade, violência, hipocrisia, crueldade, tirania, egoísmo pois são frutos de pensamentos belicosos, negacionistas, ambiciosos, racistas, classistas, sectaristas, subversivos.

Miope, presunçosa a nossa visão, a nossa percepção. Algo extraordinário, impactante, ocorre nos nossos dias, factível, perceptível, na verdade, a poucos, porquanto a grande maioria tornou-se indiferente aos valores e sinais divinos, optando pela “estrada larga”, pela sementeira de ervas daninhas, olvidando a renúncia, a doação, a fé viva. Ensejo, todavia, para todos aproveitarmos o tempo, de forma sábia, fortalecendo-nos internamente, nos enriquecendo espiritualmente, nos resgatando e nos liberando do medo, da incerteza, do temor.

Vivemos, ao que tudo indica, tempos decisivos, opressivos, de definição e separação entre o joio e o trigo, uma verdadeira guerra espiritual onde o maligno ferido no céu “desceu para o meio da terra e do mar e está cheio de grande furor, pois sabe que seu tempo está no fim” (Ap 12,12) Somos, em suma, convocados ao vale de Josafá, triturados pelas manipulações de uma época neurótica, compulsiva, emblemática, uma sociedade de comportamento mecanicista em si causadora e prisioneira de tamanhas instabilidades, perplexidades, estultices. Exige-se aos cristãos, em tempos ácidos, diante de tantas provações, perseguições, que se doem por inteiro ao próximo e à humanidade, colocando-se ao lado do Cordeiro “não amando suas vidas nem diante da morte” (Ap 12,11)

A escolha é unicamente pessoal, entre a lei do amor ou a da justiça, pois “se fez juízo de cada um, segundo as suas obras” (Ap 20, 13) Espíritos rebeldes, negligentes, desordeiros, daninhos não podem continuar frequentando, indefinidamente, escolas onde vigoram a disciplina, a ordem, o reto pensar, a fraternidade, a renúncia

SALÃO PAROQUIAL DO EDIFÍCIO SÃO JOSÉ

Em tempos que só em cidades maiores ostentavam um local para apresentação de peças teatrais, musical e exibição de filmes em São Tiago já tínhamos um espaço privilegiado para esses encontros no centro da comunidade. O Salão Paroquial foi idealizado pelo saudoso pároco Monsenhor Eloi a quem somos eternamente gratos.

O Salão Paroquial foi o palco de vários eventos importantes e



significativos da comunidade são-tiaguense, desde celebrações religiosas a eventos sociais e cívicos. Local de cursos, reuniões importantes da Igreja e de outros segmentos sociais. Lugar de encontros da fé, da alegria, de lazer, do entretenimento, da tomada de decisões importantes da comunidade e da outorga de grau aos novos professorandos do educandário local. Cenário de peças teatrais dos alunos, de grupos da cidade, catecismo, Semana da Comunidade, palestras do Ginásio, Colégio Normal Santiaguense, da Escola “Afonso Pena Júnior”. Houve diversas apresentações de boa música por meio de conjuntos da cidade e também do musicista Pe. Tiaguinho executando o seu inseparável acordeom, acompanhado da sua bela voz. Sacerdote dinâmico e incentivador da arte e da cultura entre os jovens.

Eventos, formaturas de gala do curso de Magistério eram realizados neste relevante espaço. Monsenhor Eloi realmente pensou em tudo! Houve um tempo em que a Matriz estava fechada para reformas e as celebrações de missas, casamentos, batizados, primeiras comunhões foram realizados ali. Outros momentos marcantes a comunidade vivenciou ali como apresentações, de bandas de mú-

sica, sessão de cinema e vários outros eventos.

As antigas cadeiras de madeira em estilo de cinema nos encantavam. O pequeno declínio que havia no sentido da entrada até o palco dava uma sensação de profundidade e grandeza do espaço. A escrita em latim “Servite Domino in Laetitia” (Servir o Senhor com alegria). Todos se interessavam em saber qual “língua” estava escrita aquela frase e o que significava. Ao perguntar, minha irmã logo dizia, “só Monsenhor Eloi vai saber falar, pois ele estudou no seminário”. E as pinturas? Ao adentrar o salão, logo víamos à direita a imagem de Cristo Bom Pastor e na esquerda o Rei Davi tocando harpa, ladeadas pela escadaria que leva ao palco. Ainda estão lá firmes e nos remetendo a um tempo especial.

Ah, se as paredes falassem? Iriam expressar grandes emoções, vibração cívica, cultura, alegrias, amor, gratidão, saudades, fé.

Hoje, depois de muitos anos fechado para reformas e há poucos anos reaberto à comunidade, mudou muita. O espaço é usado pelas pastorais, movimentos da Igreja, escolas e eventos da administração municipal.

Salão Paroquial, marco de um tempo diferenciado em São Tiago. Tempo da vida cultural com a implantação do Ginásio Santiaguense e depois o Curso de Magistério.

Tudo acontecia tendo o Salão como anexo sempre pronto para os eventos culturais que moldavam a história e a vida dos jovens e da comunidade são-tiaguense.



Marcus Santiago
Membro do IHGST/ALSJDR

MERCADO DE CRÉDITOS DE CARBONO

O mercado de créditos de carbono ou de títulos verdes, que é regido a nível internacional pelo Protocolo de Kioto e o Acordo de Paris, movimenta hoje cerca de US\$ 900 bilhões, sendo 61% para comercialização de baixo carbono, 19% para energia limpa, além de compensações florestais e ambientais em caso de desmatamentos, degradação etc. Cada tonelada de emissão de dióxido de carbono (tCO₂e) corresponde a uma unidade de crédito de carbono, unidades que podem – e são – comercializadas entre empresas, ONG's, proprietários e produtores rurais, dentre outros, para fins de compensação ambiental.

Reservas florestais, propriedades privadas com biomas pre-

servados geram, assim, créditos devidamente certificados, sendo o setor comprador movimentado por empresas de combustíveis fósseis, petroquímicas, siderurgias, do ramo de fertilizantes etc. O Brasil opera apenas com 5% do volume de transações mundiais, sendo tal mercado ainda não regulamentado, figurando empresas europeias, mormente as alemãs, como as maiores consumidoras de crédito de carbono (REDD). Assunto cada vez mais evidente e vital para a economia mundial, voltada para práticas de sustentabilidade, podendo o Brasil – embora a nefasta política ambiental vigente – beneficiar-se largamente desse promissor e irreversível mercado.

Segundo a Dra. Elizabeth Carvalhaes, presidente da Indústria Brasileira de Árvores, em entrevista à revista Época Negócios, o Brasil se transformará em um dos maiores exportadores de serviços ambientais do mundo, em commodity, com valores muito superiores ao do pré-sal e até mesmo do agronegócio.

Quem viver, verá! E viva a preservação ambiental! Congratulações e todo o respeito à quem conserva e protege as matas, nascentes, a atmosfera!

O estranho comportamento do núcleo da Terra que intriga os cientistas

Por razões desconhecidas, o núcleo interno do nosso planeta, uma massa compacta de ferro e níquel, está crescendo mais rápido de um lado que do outro.

A milhares de quilômetros embaixo da terra, está ocorrendo um fenômeno científico que ninguém sabe explicar.

É que o núcleo interno do nosso planeta, uma massa compacta de ferro e níquel, está crescendo mais rápido de um lado que do outro.

Um estudo realizado por sismólogos da Universidade da Califórnia, em Berkeley, nos Estados Unidos, e publicado na revista científica *Nature Geoscience*, revelou que a área do núcleo, localizada em uma zona abaixo do mar de Banda, na Indonésia, é maior que a parte que se encontra no outro extremo, debaixo do Brasil.

Por meio de simulações de computador, os especialistas criaram uma espécie de mapa que mostra o crescimento do núcleo da Terra durante os últimos 1 bilhão de anos.

E chegaram à conclusão de que ele se comportou em um "padrão desequilibrado", com novos "cristais de ferro" que se formam mais rapidamente do seu lado asiático.

"O lado oeste tem aparência diferente do lado leste até o centro, não só na parte superior do núcleo interno, como alguns sugeriram", disse Daniel Frost, um dos cientistas que participaram da pesquisa, em um comunicado. "A única maneira de explicar isso é que um lado esteja crescendo mais rápido que o outro."

De acordo com os especialistas, esse fenômeno tem implicações para o campo magnético da Terra (que nos protege das partículas perigosas do Sol).

Isso porque o campo magnético é formado pelas correntes de convecção de ferro fundido no núcleo externo, impulsionada pela liberação de calor do núcleo interno.

•AS EVIDÊNCIAS

O interior da Terra é formado por camadas parecidas com as de uma cebola. A última delas (a mais profunda) é o núcleo interno sólido de ferro e níquel, que tem um raio de 1,2 mil km, aproximadamente três quartos do tamanho da Lua.

Ele é rodeado por um núcleo externo fluido de ferro fundido e níquel, de aproximadamente 2,4 mil km de espessura. O núcleo externo, por sua vez, é circundado por um manto de rocha quente de 2,9 mil km de espessura e coberto por uma fina crosta rochosa fria na superfície.

Por meio do estudo de ondas sísmicas, os especialistas analisam como se comportam essas camadas, mas faz anos que têm notado que seus movimentos não se distribuem na mesma direção quando viajam entre os polos do que quando o fazem na zona equatorial.

Essa suposição foi a base para a compreensão de que poderia haver uma certa diferença no núcleo da Terra, responsável por esse fenômeno.

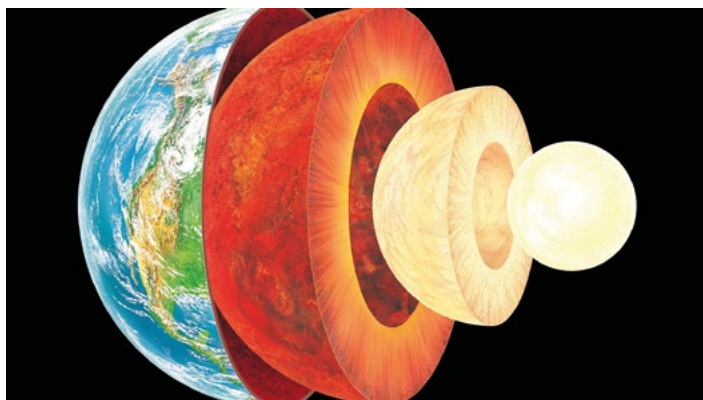
"O movimento do ferro líquido no núcleo externo retira o calor do núcleo interno, fazendo com que ele congele", disse Frost na revista científica *Live Science*.

"Isso significa que o núcleo externo tem recebido mais calor do lado leste (sob a Indonésia) do que do oeste (sob o Brasil)", acrescentou.

Segundo o cientista, a melhor forma de visualizar o que está acontecendo a milhares de quilômetros de profundidade é imaginar um corte do tronco da árvore formado por anéis de crescimento que partem de um ponto central.

O centro dos anéis, neste caso, seria deslocado do centro da árvore, de modo que os círculos fiquem mais espaçados no lado leste da árvore e mais próximos no lado oeste.

No entanto, este crescimento mais rápido sob o Mar da Indonésia não deixou o núcleo desequilibrado, explicam os cientistas.



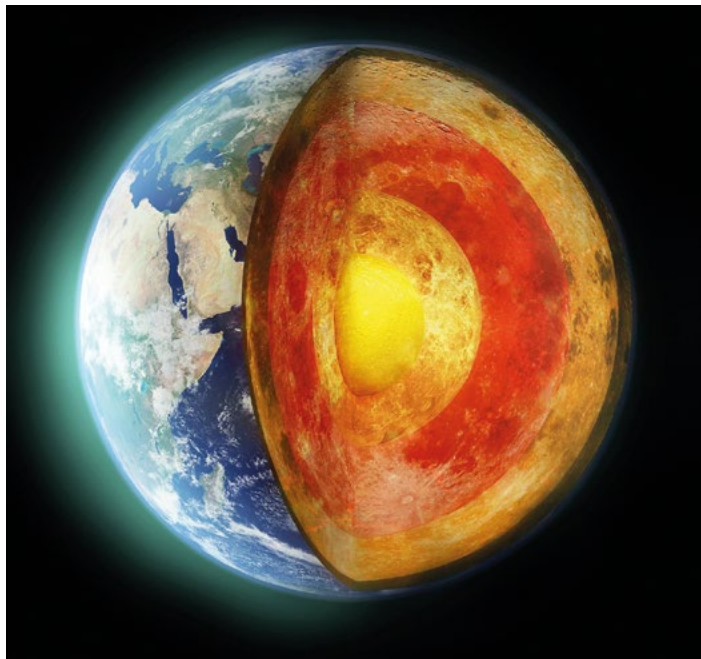
Terra é formada por várias camadas, como uma cebola
Foto: Science Photo Library / BBC News Brasil

A gravidade distribui o novo crescimento uniformemente, mantendo o núcleo interno esférico e expandindo seu raio em média um milímetro por ano.

•A IDADE DO NÚCLEO

As simulações por computador permitiram também aos sismólogos estabelecer uma data mais precisa para a formação do núcleo terrestre.

E sabe-se que o núcleo se formou quando a Terra já havia se organizado, aparentemente a partir da concentração de metais como ferro e níquel.



Núcleo da Terra é uma 'cápsula do tempo'
Foto: Getty / BBC News Brasil

"Determinamos limites bastante flexíveis para a idade do núcleo interno, entre 500 e 1.500 milhões de anos, o que pode ajudar no debate sobre como o campo magnético foi gerado antes que o núcleo interno sólido existisse", disse Barbara Romanowicz, outra pesquisadora que participou do estudo.

"Sabemos que o campo magnético já existia 3 bilhões de anos atrás, então outros processos devem ter conduzido a convecção no núcleo externo naquela época", acrescentou.

De acordo com a pesquisa, a idade mais jovem do núcleo interno pode significar que, no início da história da Terra, o calor que fervia o núcleo do fluido vinha de elementos leves que se separaram do ferro, não da cristalização deste metal.

A ÉTICA E O SIGNIFICADO DA VIDA

Era uma vez um homem que queria ouro. Ao amanhecer, colocou o seu chapéu e seu casaco e se dirigiu para o mercado. Foi até à loja de um mercador de ouro, pegou o seu ouro e fugiu.

A polícia o pegou e lhe perguntou,

“Por que você roubou o ouro de outra pessoa na frente de tantas pessoas?”

O homem respondeu,

“No momento em que o peguei, não vi as pessoas – vi apenas o ouro.”

A felicidade é inacreditável e parece quase impossível. Parece que o homem não pode ser feliz. Se você fala sobre a sua depressão, tristeza, miséria, todo mundo acredita nelas. Parece natural. Se você fala sobre sua felicidade, ninguém acredita, parece não natural.

Sigmund Freud, depois de 40 anos de pesquisa sobre a mente humana, trabalhando com milhares de pessoas, observando milhares de mentes perturbadas, chegou à conclusão de que a felicidade é uma ficção: o homem não pode ser feliz. No máximo, podemos tornar as coisas um pouco mais confortáveis, isso é tudo, podemos tornar a infelicidade um pouco menor, isso é tudo. Um homem feliz não pode existir? Parece muito pessimista, olhando para o homem moderno, parece ser exatamente o caso, parece ser um fato.

Budha diz que o homem pode ser feliz, tremendamente feliz. Krishna canta canções dessa derradeira felicidade (satchitanand). Jesus fala sobre a felicidade permanente no Reino de Deus.

Hum! como acreditar em tão poucas pessoas, contra toda a massa, milhões e milhões de pessoas através dos séculos, permanecendo infelizes, crescendo mais e mais em direção à infelicidade, toda a sua vida sendo uma estória de miséria e nada mais? E finalmente, a decrepitude e morte! Como acreditar nessas poucas pessoas que afirmam que a felicidade existe?

Ou elas estão mentindo ou estão enganando a si mesmas. Ou mentem por algum outro propósito ou estão doidas varridas (me desculpe, todo zen budista é assim mesmo) enganadas pelas próprias ilusões e desvarios. Estão vivendo num estado de querer preencher os seus desejos. Elas queriam ser felizes a todo custo e começaram a acreditar que eram. Parece mais como uma crença, uma crença desesperada, ao invés de um fato. Tudo bem! Está certo, mas eu pergunto? Como veio a acontecer que apenas poucas pessoas se tornaram felizes?

Se você se esquece do homem, se não presta muita atenção ao homem, então Buda, Krishna, Cristo, Mahavira, Láo Tse parecerão mais verdadeiros. Se você parar com sua faina diária e olhar para as árvores, olhar para os pássaros, olhar para as estrelas, para o mar, para os rios, então perceberá claramente que tudo está vibrando com tremenda alegria, está tudo vivo e feliz. E você, dando vazão a sua mente condicionada, me perguntará: Então a felicidade é “feita” da própria matéria com a qual a existência é feita, tudo na natureza é só alegria e felicidade? Somente o homem é infeliz.

Certamente, alguma coisa de muito errado aconteceu lá dentro dos homens, no seu íntimo, Budha e os outros Mestres não estavam enganados e não mentiram. E digo isso, não com a autoridade da tradição budista que tenho a honra de praticar; digo isso com a minha própria experiência. O homem pode ser feliz, mais feliz que os pássaros, mais feliz do que as árvores, mais feliz do que as estrelas porque o homem tem algo que nenhuma árvore, nenhum pássaro, nenhuma estrela têm. O homem tem consciência e livre arbítrio!

Entretanto, quando se tem consciência, duas alternativas são possíveis: você pode se tornar infeliz ou pode se tornar feliz. Você tem o livre arbítrio, pode escolher! As árvores simplesmente são felizes porque elas não podem ser infelizes. A felicidade delas não é liberdade de escolha delas, elas têm de ser felizes. Elas não sabem como ser infelizes; elas não têm alternativa. Esses pássaros cantando nas árvores, eles são felizes! Não porque tenham escolhido ser felizes, eles estão simplesmente felizes porque não conhecem outra maneira de ser. A felicidade deles é inconsciente. É simplesmente natural.

O homem pode ser tremendamente feliz ou tremendamente infeliz, e ele é livre para escolher. Essa liberdade é arriscada. Essa liberdade é muito perigosa, porque você se torna responsável (lembrei-me do Pequeno Príncipe de Exupéry). E alguma coisa aconteceu com essa liberdade, alguma coisa aconteceu de errado. O homem está, de certa forma, de cabeça para baixo.

Pessoas chegam ao San Zen Dojo buscando a meditação, buscando a calma, a tranquilidade, a equanimidade, em suma procurando a alegria perdida. A meditação é necessária apenas porque você escolheu não ser feliz. Se você tivesse escolhido ser feliz, não haveria necessidade de nenhuma meditação, de nenhuma religião. A religião é como um remédio, a gente só toma se estiver doente. Se você está doente, então um antibiótico é necessário, ou então uma sessão de acupuntura. Uma vez que você tenha começado a escolher a felicidade, uma vez que tenha decidido que você tem de ser feliz, então nenhuma meditação é necessária. A meditação começa a acontecer por si mesma. A meditação é uma função do estar feliz. A meditação acompanha um homem feliz como uma sombra: onde quer que ele vá, seja lá o



que estiver fazendo, ele está meditativo. Ele está intensamente centrado. A palavra “meditação” e a palavra “medicina” vêm da mesma raiz. Você não carrega frascos de remédios e receitas com você se está saudável.

Existem tantas religiões por aí porque a cada dia mais pessoas estão infelizes. Uma pessoa feliz não precisa de religião; uma pessoa feliz não precisa de templo, de igreja, de médicos, porque para uma pessoa feliz, todo o universo é um templo, toda a existência é uma igreja, essa pessoa não fica doente porque seu corpo e mente funcionam perfeitamente e, partindo do princípio de que tudo tem seu oposto, se o corpo tem a doença, também tem a cura. A pessoa feliz não efetua nada que se pareça com uma atividade religiosa porque toda a sua vida é religiosa, é sagrada.

Seja lá o que você fizer com felicidade, é uma oração: o seu trabalho se torna uma devoção, o simples fato de atender um paciente e diminuir seu sofrimento é uma verdadeira bênção; a sua própria respiração tem um intenso esplendor, uma graça. Não precisa ficar o tempo todo repetindo o nome de Deus, somente os incultos fazem isso. Deus não tem nome, é o inominável e repetindo algum suposto nome você simplesmente anestesia a sua mente. Você não vai a lugar algum repetindo o seu santo nome. Um homem feliz simplesmente “vê” que Deus está em todo lugar. Você precisa apenas de olhos felizes para enxergá-lo. Mas, infelizmente não é assim que acontece, não é isso que se observa. Afinal, o que aconteceu de errado?

Você foi criado por pessoas que ainda não chegaram lá. Você foi criado por pessoas que não eram felizes. Sinta pena delas! Não estou dizendo para ser contra elas; não as estou condenando. Apenas sinto compaixão por elas. Os pais, os professores da escola, os professores da universidade, os assim chamados líderes da sociedade, eram pessoas infelizes. Eles criaram um padrão de infelicidade latente em você. E você ainda não assumiu a sua vida. Eles vivenciavam uma má interpretação da vida, essa era a miséria deles. E você também está vivendo sob esta mesma má interpretação.

Na época do Império Britânico na Índia, um jovem subalterno viajou a uma parte distante do Punjab para se juntar ao seu primeiro regimento. Ele se apresentou ao coronel que lhe deu boas vindas e disse, “Você tem de compreender, Skiffington Smythe, que precisamos de um tipo de oficial muito especial por aqui. Alguém que possa lidar com os nativos, alguém que possa pensar por si mesmo e manter-se frio numa situação difícil. Assim, criamos um pequeno teste que exigimos que os novos oficiais o façam. Você está pronto para tentar?”

“Certamente, senhor,” disse o bravo jovem oficial britânico, todo empertigado.

“Muito bom,” respondeu o coronel. O teste é bem simples, divide-se em duas partes: antes de mais nada, você tem de ir até o mercado da cidade, onde pegará a primeira mulher que vir, irá rasgar o seu véu e beijá-la bem nos lábios (eles estavam na Índia). Esse é um procedimento bastante perigoso já que os homens aqui são muito ciumentos, violentos e portam facas o tempo todo. Você tem que beijar essa mulher e, naturalmente, escapar com vida. Depois, tem de ir até à selva fechada e atirar no primeiro tigre que enxergar, o tiro tem que ser bem entre os olhos. Entendeu tudo?”

“Sim, senhor,” respondeu o subalterno.

E com isso, o coronel deu ao jovem oficial um rifle com apenas uma bala. O bravo jovem fez a saudação, girou sobre seus calcanhares e se foi.

Uma semana mais tarde, o coronel ouviu um arranhar na sua porta. Ele gritou para quem estivesse ali para entrar: a porta se abriu e uma figura caiu sobre o tapete de entrada. Era Skiffington Smythe, o jovem oficial!

Esfoldado, quebrado, cheio de pêlos e sangrando em pelo menos uma dúzia de ferimentos, se arrastou pelo chão, ergueu-se dolorosa e dificilmente sobre seus pés até a mesa do coronel, fez uma saudação fraca e

titubeante e disse:

“Tudo bem, senhor... a metade da tarefa eu já cumpri, agora onde está essa mulher que eu tenho que atirar bem entre os olhos ... ?!”

Quando olho para a humanidade, para meus alunos do centro zen, para meus pacientes, para os amigos, para os meus parentes, vejo o mesmo problema. Alguma coisa profundamente errada aconteceu. Todos compreenderam mal as instruções, não leram a bula, e as instruções pareciam tão claras.

“Era uma vez um homem em chi que queria ouro. ao amanhecer, colocou o seu chapéu e seu casaco e se dirigiu para o mercado. foi até à loja de um mercador de ouro, pegou o seu ouro e fugiu. a polícia o pegou e lhe perguntou: – Por que você roubou o ouro de outra pessoa na frente de tantas pessoas? O o homem respondeu: – No momento em que o peguei, não vi as pessoas, vi apenas o ouro.”

É uma parábola. Ela diz: “Se você sabe exatamente o que quer, vê apenas isso. A concentração acontece facilmente. Se você sabe exatamente o que quer, então toda a vida e todo o mundo acontece dessa maneira, você nem sequer os vê. Você vai como uma flecha. Você não fica distraído. Mas se você não sabe qual o significado de estar aqui, se você não sabe qual é a razão da sua vida, se você não sabe o que realmente quer, então tudo é uma distração, você é puxado nessa e naquela direção, e isso acaba criando muita confusão mental.

Você é puxado em tantas direções ao mesmo tempo que a sua personalidade fica quebrada, dividida. Somente fragmentos: um fragmento vai para o norte, outro fragmento vai para o sul. Você está continuamente em conflito. Não sabe onde está indo porque você não é mais “um”. Você só se torna “uno” quando sabe o que quer. Desse modo é óbvio que a sua vida não pode ter uma unidade orgânica em si. Você não tem nenhum senso de direção. Mas nunca é tarde demais. Você pode tomar posse da sua vida a qualquer momento. Se você decidir, então a primeira coisa a fazer é: não ouça a voz dos seus parentes dentro de você, não ouça a voz dos seus professores dentro de você, não preste atenção em nenhuma voz em especial. Apenas, sente-se, feche os olhos e tente sentir: seja lá o que você queira, o que você precisa, o que vo cê deseja, é seu mesmo? te pertence realmente? Aquele querer, aquele desejo, aquela necessidade. Tente descobrir, tente conferir a quem pertence essa voz, a quem pertence esse querer.

Se você escutar silenciosamente, se surpreenderá: Sua mãe estará dizendo, “Torne-se um médico!” E você será capaz de perceber exatamente quem está dizendo isso. Seu pai estará falando. “Fique rico!” O seu irmão estará dizendo, “Compre-me um carro”, seus professores, “Estudem para a prova, façam o trabalho!”, seus vizinhos estarão dizendo outras coisas mais malúcias ainda. E não apenas isso: Eles estarão dizendo alguma coisa com seus lábios e uma outra coisa com os seus olhos; dizendo uma coisa, significando outra.

Alguém lhe diz, “Seja honesto, seja verdadeiro!” e você sabe que ele mesmo não é honesto e não é verdadeiro, você pode ver isso nos seus olhos, não no som que sai de sua boca. Se olharmos com calma, serenidade e desapego, poderemos ver muito profundamente, poderemos penetrar e “enxergar” a mentira.

Coisas são ensinadas na escola, mas a vida é muito dinâmica, tem outras necessidades. Surge a confusão, o conflito. As contradições vão se acumulando e elas o puxam em diferentes direções. Assim, você não está mais unido, “uno”, a sua unidade é perdida. Você é uma multidão, uma multidão louca e desorientada.

Tem que se desprogramar, compreenda isso. Aquilo que você aprendeu errado pode ser desaprendido. O que você aprendeu com os outros não é natural para você: você pode apagar isso. Apenas uma pequena consciência é necessária. Então a primeira coisa é apagar tudo o que foi incutido incorretamente em você e somente então você será capaz de escutar a voz do seu próprio coração novamente.

Mas, como distinguir o que é o quê, o que é a voz da mente e o que é a voz do coração? Por enquanto é difícil distinguir: primeiro você tem de limpar a mente dos erros. A voz do coração é muito silenciosa e muito pequena. A da mente é muito barulhenta: ela continua a gritar coisas. O coração sussurra. A mente grita.

Seus pais gritavam com você, seus professores na escola gritavam com você, todos gritam muito, falam muito alto. A mente grita. Deus fala em sussurros. Primeiro o seu grito tem de ser cessado, do contrário, é muito difícil... a voz que você ouve o dia inteiro não é sua, não é do seu próprio coração.

Uma coisa é certa: você não pode jamais se tornar outra coisa que não seja você mesmo, e a menos que se torne você mesmo, você não pode ser feliz. A felicidade acontece apenas quando uma roseira faz crescer rosas; quando ela floresce, quando tem a sua própria individualidade. Você nunca poderá ser uma roseira tentando produzir flores de lótus, isso é criar infelicidade.

Apague esse grito na mente. E a maneira de fazer isso não é com luta: a maneira de apagá-lo é apenas tornar-se ciente. Todas as noites, por alguns minutos, sente-se na sua cama e apenas observe de onde você ouve alguma coisa, simplesmente vá até às raízes das vozes. Siga a trilha, vá para trás, encontre o lugar de onde isso vem.

Se procurar, você encontra a fonte, e no momento em que encontrá-la, sentirá um grande alívio. É um trabalho lento, mas se você trabalhar com

afinco, dentro de pouco tempo, se sentirá muito limpo. O seu “livro” está limpo, ninguém mais está escrevendo nele. Então, somente então, você será capaz de ouvir aquela pequena “voz silenciosa”. E uma vez que a escute, o próprio escutar é como um trovão repentino. De repente, você está unido, de repente você tem uma direção, de repente você sabe onde está o seu ouro. E então você não vê ninguém, você simplesmente vai como uma flecha em direção ao seu destino.

É muito fácil seguir seus pais, é muito fácil seguir seus professores, é muito fácil seguir a Budha, a Cristo, é muito fácil seguir a sociedade, é muito fácil ser obediente. Agora ser rebelde, questionar, estar por si mesmo, é muito difícil. Mas o crescimento e a felicidade só vêm com o caminho difícil.

Era uma vez um fazendeiro que, depois de uma colheita pobre, reclamou: “Se Deus me deixasse controlar o tempo, tudo seria melhor porque, pelo visto, Deus não sabe muita coisa sobre agricultura.” Então o Senhor Deus lhe disse: “Por um ano, eu lhe darei o controle do tempo; peça o que desejar e você obterá.” Naqueles tempos antigos, Deus costumava fazer isso, não tinha muita gente e ele ainda se permitia certos luxos. Depois ele se encheu de trabalho e, coitado não pode mais.

O pobre homem ficou muito feliz e imediatamente disse, “Agora eu quero Sol,” e o Sol saiu. Mais tarde, ele disse, “Faça a chuva cair,” e choveu. por todo um ano, primeiro o Sol brilhava e então chovia. As sementes cresceram e cresceram, era um prazer olhar. “Agora Deus pode entender como controlar o tempo,” disse orgulhosamente. A colheita nunca foi tão grande, tão verde, um verde tão luxuriante.

Era época de colheita. O fazendeiro pegou sua foice para cortar o trigo, mas que tristeza. As espigas estavam praticamente vazias. O Senhor veio e lhe perguntou, “Como está a sua colheita?” O homem reclamou, “Pobre, meu Senhor, muito pobre!” “Mas você não controlou o tempo? Tudo o que você queria não deu certo?” “É claro! E essa é a razão pela qual estou perplexo. Tive a chuva e a luz do Sol que pedi, mas não há colheita.” Então o Senhor disse, “Mas você nunca pediu vento, tempestades, gelo e neve, e tudo o que purifica o ar e torna as raízes duras e resistentes? Você pediu chuva e Sol, mas não tempo ruim. Essa é a razão por que não existe colheita.”

A vida é possível apenas através de desafios. A vida é possível apenas quando você tem ambos, bom tempo e mau tempo, quando você tem ambos, quando você tem ambos, inverno e verão, dia e noite. Quando você tem ambos, tristeza e alegria, desconforto e conforto. A vida se move entre essas duas polaridades, Yin e Yang. Movendo-se entre essas duas polaridades, você aprende como ter equilíbrio ou usando um jargão médico, homeostase.

Se você escolhe o conforto, conveniência, a facilidade, escolhe a tristeza. Foi exatamente assim que você perdeu a felicidade: você escolheu a conveniência ao invés dela. É muito conveniente seguir a voz dos outros, mas assim você não cresce. Você está tentando obter os tesouros da vida de forma muito barata. É necessário que você pague por isso. Nunca tente obter algo sem pagar, simplesmente, não aceite, sinta-se insultado. Não aceite, isso está abaixo de você. Diga: “Eu pagarei por isso, somente então aceitarei.” De fato, se algo lhe for dado sem estar pronto para isso, sem você ser capaz disso, sem estar receptivo para isso, você não será capaz de tê-lo por muito tempo. Você vai perdê-lo, esquecê-lo, logo, logo. Você não será capaz de apreciar o seu valor. A vida nunca lhe dará nada barato, porque se for dado sem que haja esforço de sua parte, você não consegue aproveitar.

Escolha o caminho difícil. E ser um indivíduo é a coisa mais difícil no mundo porque ninguém quer que você seja um indivíduo. Todo mundo quer matar a sua individualidade e fazer de você uma ovelha medíocre. Ninguém quer que você esteja por si. Portanto, você continua a perder a felicidade, continua a perder a direção, não pode ser nada por mais de uma fração de segundo. Como pode ser bem-aventurado?

Escolha o seu próprio destino, ou Karma como lhe aprouver. Ninguém pode mostrá-lo para você. Qual é o seu destino/Karma, ninguém sabe, nem mesmo você. Você tem de senti-lo, vivê-lo.

Primeiro, abandone tudo o não seja seu, tudo que é emprestado no seu ser e então será capaz de sentir. Isso sempre o leva ao lugar certo, ao objetivo certo. A coisa que você chama de consciência exatamente agora não é a sua consciência, é um substituto, uma pseudo-consciência, falsa, imitada, limitada. Abandone-a! E no próprio abandonar, será capaz de enxergar, por trás dela, a sua consciência de verdade que tem lhe esperado, que está lhe aguardando. Uma vez que essa consciência surja para você, a sua vida tem uma direção. Para abandonar o que não é seu e, portanto, não lhe pertence, apenas sente-se. Sente-se confortavelmente sem pensar em nada em especial, sem prestar atenção a nada que venha a sua mente, sem conceituar os pensamentos como bons, agradáveis ou neutros, apenas sente-se e não queira nada, não deseje nada, não tenha aversão a nada nem espere nada. Sente-se apenas.

Sim, aquele homem estava certo. Ele disse: “no momento em que o peguei, não vi as pessoas – vi apenas o ouro.” Quando você sentir o seu destino/Karma, você vê apenas o seu destino/Karma, você vê apenas o ouro.

PROVÉRBIO “BEM PREGA FREI TOMÁS”

O conhecido provérbio “Bem prega Frei Tomás, faze o que ele diz, não faças o que ele faz” refere-se a pessoas que dizem uma coisa e fazem outra(s) totalmente diferente(s) ou mesmo antagonica(s). Ditado aplicado a muitas situações cotidianas, especialmente dentre tantas pessoas que se arvoram em defensoras de virtudes públicas, ostentando ares de superioridade moral, mas que, na vida privada, fazem o mesmo – ou ainda pior – do que condenam em terceiros.

Provérbio, pois, que consigna reprovação para aqueles que, arautos da moral e da verdade, vestidos de púrpura, atuam de modo distinto ao que apregoam como sendo o certo. Pessoas que agem em desconformidade com o que dizem, ou seja, não harmonizam palavra e atitude. Personagens que aparecem frequentemente mencionados na Bíblia, como os fariseus, com aparência piedosa, compassiva, mas no fundo, pecaminosos, violadores dos próprios princípios por eles defendidos. Deles, Cristo asseverou que eram como “copos e pratos limpos por fora, mas cheios de detritos por dentro” (Mt 23,25-26)

Outro refrão similar reza que “Brás bem o diz e mal o faz”⁽¹⁾ Frei Tomás é o pregador moralista, em si imoral, cuja doutrinação não se ajusta ao exemplo. Segundo estudiosos, o provérbio tem origem – ou melhor se conformou – a partir da personagem Frei Tuck, do romance “Ivanhoé”, do famoso escritor romântico inglês Walter Scott. Frei Tuck, um dos integrantes do bando de Robin Hood, do folclore inglês, serviu igualmente de protótipo para a personagem Frei Felipe, das “Aventuras do Zorro” de Johnston MacCulley.

Para pesquisadores pátrios como João Ribeiro (“Frasas Feitas”), a personagem Frei Tomás, provavelmente histórica e contemporânea de Gregório de Matos, já aparece nas obras jocosas, chulas e bufas, a partir do século XVII. Em sátiras à justiça hipócrita, Gregório de Matos escreve: “A casada com adorno / e o marido mal vestido / crede que este tal marido / penteia monho de c... / Se disser pelo contorno / que se cobre a Frei Tomás / por manter a honrinha o faz” (Obras, p. 69) Em um manuscrito, Gregório Matos explicitou: “Um casamento ao revés / somente Frei Tomás o faz / e eu raivo de Frei Tomás / que tal casamento fêz” Em outra glosa, diz: “Louvar as vossas ações / é pregar do pregador / e a mim me dá mais temor / o pregador que os sermões” (Obras, p. 69)



NOTAS

(1) A personagem “Brás” aparece frequentemente em nossa lexicologia e no anedotário popular, em provérbios como “Aproveita enquanto o Brás é tesoureiro”, “se o Brás é o tesoureiro, a gente acerta no final” Há quem afirme que este anxim tem origem no interior do País, mais especificamente no Rio de Janeiro. Um certo Brás, responsável pelo pagamento dos funcionários de uma fazenda, ali aparecia uma vez por mês, fazendo conchavos de toda ordem. Outros consideram o Brás como um acrônimo do Brasil, nosso idôlatrado País, pasto para toda espécie de poderosos, gananciosos, bandidos, políticos, doutores de casacas – seja qual governo, qual poder público - a fazerem farra com o dinheiro e as riquezas da Nação. Aproveitam enquanto o Brasil é o tesoureiro....

A violência das leis

“Muitas constituições foram criadas - a começar pela inglesa e a Americana, terminando com a Japonesa e a Turca - de modo a fazer com que as pessoas acreditassem que todas as leis estabelecidas atendiam a desejos expressos pelo povo. Mas a verdade é que não só nos países autocráticos, como naqueles supostamente mais livres - como a Inglaterra, a América, a França e outros - as leis não foram feitas para atender a vontade da maioria, mas sim a vontade daqueles que detêm o poder. Portanto elas serão sempre, e em toda parte, aqueles que mais vantagens possam trazer à classe dominante e aos poderosos. Em toda a parte e sempre, as leis são impostas utilizando os únicos meios capazes de fazer com que algumas pessoas se submetam à vontade de outras, isto é, pancadas, perda da liberdade e assassinato. Não há outro meio.

Nem poderia ser de outro modo, já que as leis são uma forma de exigir que determinadas regras sejam cumpridas e de obrigar determinadas pessoas a cumpri-las (ou seja, fazer o que outras pessoas querem que elas façam) e isso só pode ser obtido com pancadas, com a perda da liberdade e com a morte. Se as leis

Leon Tolstói

(in A Escravidão de nosso tempo, 1990)

existem, é necessário que haja uma força capaz de fazer com que alguns seres se submetam à vontade de outros e esta força é a violência. Não a violência simples, que alguns homens usam contra seus semelhantes em momento de paixão, mas uma violência organizada, usada por aqueles que têm o poder nas mãos para fazer com que os outros obedeçam à sua vontade.

Desse modo, a essência da Legislação não está no Sujeito, no Objeto, no Direito, na idéia do domínio da vontade coletiva do povo ou em qualquer outra condição tão confusa e indefinida, mas sim no fato de que aqueles que controlam a violência organizada dispõem de poderes para forçar os outros a obedecer-lhes, fazendo aquilo que eles querem que seja feito.

Assim, uma definição exata e irrefutável para legislação, que pode ser entendida por todos, é esta: “As leis são regras feitas por pessoas que governam por meio da violência organizada que, quando não acatadas, podem fazer com que aqueles que se recusam a obedecer-lhes sofram pancadas, a perda da liberdade e até mesmo a morte”.